

Parte I

A herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria Di Francia

Iniciamos nossos trabalhos com uma pesquisa bibliográfica acerca da herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria Di Francia. Como veremos ao longo do texto, muitos dos dados são provenientes de fontes primárias, às quais tivemos acesso no ano de 2017, ao longo de um período de pesquisa e recolhimento de materiais na sede dos centros de estudos e arquivos dos Governos Gerais dos Institutos das Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus e dos Rogacionisas do Coração de Jesus em Roma. Com isso, temos a possibilidade de apresentar fatos históricos e desenvolver reflexões que até então não vinham sendo publicadas nos escritos de santo Aníbal Maria.

Diante destas possibilidades de pesquisa, na primeira parte desta tese, iremos tratar da espiritualidade e do carisma de santo Aníbal Maria, com o objetivo de nas próximas etapas proporcionar o encontro e o diálogo entre sua espiritualidade e a espiritualidade de santa Teresa de Jesus. No segundo capítulo discorreremos sobre a espiritualidade de santo Aníbal Maria, partindo de alguns aspectos de sua história que incidiram em sua maneira de viver o carisma fundacional. Veremos como foi um sacerdote imbuído da espiritualidade de seu tempo e como traduziu tais realidades em suas Obras, priorizando as particularidades de sua devoção ao Coração de Jesus, a eucaristia e a Virgem Maria.

No terceiro capítulo desta pesquisa, adentraremos em um aspecto particular da vida espiritual de santo Aníbal Maria, ou seja, seu amor a Nossa Senhora do Carmo e seu desejo de tornar-se carmelita descalço. Veremos como esse chamado pessoal incidiu sobre toda a sua espiritualidade, obras e carisma. No decorrer do capítulo apresentaremos sua proximidade com a família carmelita, em especial com alguns santos pelos quais apresentou uma devoção alicerçada no conhecimento de suas vidas e espiritualidades. Não podemos deixar de sinalizar que, em especial, destacaremos sua proximidade com santa Teresa de Jesus, pois daqui parte o objetivo central de nossa pesquisa, isto é, o encontro da espiritualidade de ambos os fundadores e como tamanha riqueza pode ser útil, ainda nos tempos atuais, ao Instituto das Filhas do Divino Zelo.

Por fim, no quarto capítulo de nossa pesquisa, nos debruçaremos a aprofundar um pouco mais os traços da espiritualidade de santo Aníbal Maria e a influência direta sobre a vivência carismática e suas fundações. Partimos da *Ratio Fundamental* do Instituto das Filhas do Divino Zelo que apresenta uma espiritualidade cristocêntrica, eucarística, mariana e eclesial, entendendo essa última como a vivência do carisma fundacional no seio da Igreja. O carisma consiste em rezar pelas vocações, ser “boa operária” na messe do Senhor e propagar essa oração, tudo em obediência ao mandamento de Jesus, conforme encontramos nos evangelhos de Mateus 9,36-38 e Lucas 10,2: “*Rogate ergo Dominum messis ut mittat operarios in messem suam*”. Esses traços de sua herança espiritual-carismática proporcionarão um frutuoso encontro com alguns aspectos da espiritualidade teresiana.

2. A espiritualidade de santo Aníbal Maria Di Francia

Neste segundo capítulo de nossa pesquisa, conheceremos santo Aníbal Maria em seu contexto, em suas práticas devocionais, em suas obras e em seus primeiros contatos com o carisma do Rogate. O capítulo será desenvolvido em diálogo com dados históricos que nos ajudam a compreender melhor o desenvolvimento da espiritualidade e do carisma do fundador.

Encontraremos com um “pai e sacerdote” que não hesita em dizer: “Eu amo as minhas crianças, elas são o mais belo ideal de minha vida”. Veremos que sua experiência cristológica acontece em torno do Coração de Jesus, do amor à eucaristia, da filial devoção à Virgem Maria e da radical entrega ao carisma do Rogate. Não poupou esforços para fazer em tudo a vontade de Deus.

Prossigamos em busca de contemplar essas características da vida espiritual e apostólica de santo Aníbal Maria e assim fundamentar os próximos passos de nossa pesquisa.

2.1. Aníbal Maria Di Francia, “pai” e sacerdote

2.1.1. A vocação rogacionista e sacerdotal

Santo Aníbal Maria nasceu em Messina, Itália, em 1851.¹ Foi o terceiro dos quatro filhos do cavaleiro Francesco Di Francia e da senhora Anna Toscano. Vejamos como seu pai narra seu nascimento: “Aos 5 de julho de 1851 a uma e meia da madrugada, nasce meu filho Annibale, assim chamado em memória do marquês Annibale Bonzi da Bologna, batizado na paróquia de São Lourenço na noite do dia 7 do mesmo mês, pelo canônico Giuseppe Marchese”.² Nascido em berço cristão, desde cedo Aníbal fora educado na fé e pode aprender de seus pais, em especial de sua mãe, devoções que marcaram sua vida. Dizemos em especial de sua mãe porque, aos quinze meses de idade, seu pai, o cavaleiro Francesco Di Francia, faleceu, com apenas trinta e dois anos.

Após a morte do pai, o pequeno foi morar com uma velha tia, onde experimentou grandes sofrimentos pela falta de cuidados físicos e emocionais. Diante das experiências de sua infância, mais tarde, Aníbal vai afirmar que desde então aprendeu a ter compaixão pelas crianças e abandonados. Suas obras serão perpassadas pelo cuidado com cada detalhe da vida de quem lhes era confiado.³ Em 1854, com o surto de cólera, sua tia veio a falecer. Aníbal adoeceu e foi levado por sua mãe ao seio familiar, onde permaneceu até os sete anos de idade, quando, por influência dos tios Padre Raffaele Di Francia e Padre Giuseppe Toscano, foi encaminhado ao colégio dos Cistercienses.⁴

Nesta breve introdução não podemos nos deter nos detalhes da vida de nosso fundador⁵, por isso, damos um salto histórico, e nos remetemos a um novo momento da vida de Aníbal Maria. O pequeno, educado em berço cristão, que em tenra idade experimentou o peso da Cruz que a vida lhe impusera, recebeu o chamado à vida sacerdotal e, mesmo contra as expectativas de sua família, no dia 16 de março de 1878, pelas mãos de Dom Giuseppe Guarino, tornou-se sacerdote na Diocese de Messina. Pouco antes de sua ordenação, o Senhor o preparava para

¹ Para melhor conhecer a genealogia de Aníbal Maria, recomendamos: TUSINO, T. Padre Annibale Maria di Francia: memorie biografiche, v. 1. Roma: Rogate, 1995, p. 5-46.

² TUSINO, T., Memorie biografiche, v. 1, p. 36. [TN].

³ Padre F. Vitale, um de seus primeiros colaboradores, dirá de sua alma delicada e cuidadosa para com seus filhos e filhas: “Quando o pequeno Aníbal se tornar o grande educador dos meninos e das meninas, condenará os pais que buscam incutir medos nas crianças com falas sobre dragões e bruxas, com os contos de terror inverídicos, e proibirá rigorosamente que nos nossos teatrinhos se representem fatos atrozes com sangue, que agitam as fibras sem um objetivo saudável e moral”. VITALE, F., Il canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere, p. 10.

⁴ Cf. TUSINO, T., op. cit., p. 40-45.

⁵ Para tanto podemos buscar: VITALE, F. Il canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere. Messina: Antoniana, 1939.

uma missão específica. No dizer de Padre T. Tusino, “[...] antes da vocação sacerdotal, despontou nele a vocação Rogacionista, que deveria caracterizar a sua missão de fundador, com o específico carisma a confiar às suas obras”.⁶

Aníbal Maria conta-nos que a ideia de rezar para obter os santos sacerdotes para a Igreja lhe veio antes da vocação sacerdotal, quando fazia as Quarenta Horas⁷ de adoração eucarística, na Igreja de São João de Malta em Messina. O Senhor lhe deu tal intuição mesmo ainda não conhecendo as passagens evangélicas que fazem menção a esse mandamento de Jesus, isto é, Mt 9,35-38 e Lc 10,2. Vejamos como ele narra sua vocação rogacionista:

Um jovem, ao início de sua vida espiritual e quando nada ainda conhecia daquelas divinas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: *Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam* registradas no S. Evangelho, tinha em mente esse pensamento dominante, isto é que para obter o maior bem da S. Igreja, para salvar muitas almas, para estender o Reino de Deus sobre a terra, nenhum meio seria tão seguro quanto o crescimento dos eleitos ministros de Deus, de homens santos, apóstolos, segundo o Coração de Jesus e que excelente oração e profícua oração a escolher-se seria aquela de pedir constantemente ao Coração Santíssimo de Jesus, que envie sobre a terra homens santos e sacerdotes eleitos, como nos tempos de S. Domingos e de S. Francisco, como nos tempos de S. Inácio, como nos tempos de Salesio, de S. Alfonso e outros. Esta ideia lhe parecia muito clara e indiscutível. O tal jovem em seguida ficou surpreso e perplexo ao ler no santo Evangelho aquelas divinas palavras: A messe é muita mas os trabalhadores são poucos; rezai portanto ao Senhor da messe, que mande operários para a sua messe.⁸

Padre S. Santoro assim descreve a vocação rogacionista de santo Aníbal Maria:

Sobre a origem remota de sua vocação Rogacionista, o Padre dizia que lhe causava dor a deserção dos sacerdotes e dos freis por conta dos motivos revolucionários do tempo; de outra parte a santidade lhe parecia muito transcendente e admirava por consequência o grande heroísmo dos santos, que considerava nos afrescos das igrejas dos conventos, especialmente do seu Porto Salvo; para fazer reflorir aqueles tempos de piedade pensava que somente a oração seria o meio, e compôs algumas para obter sacerdotes santos; um dia porém leu no Evangelho o Rogate, e eis sua maravilha, como nenhum dos tantos manuais de piedade não o tivesse revelado, e assim se sente movido a cultivar a vocação evangélica.⁹

Impregnado pelo carisma do Rogate, ou seja, doar a vida pelo cumprimento do mandamento de Jesus expresso nos Evangelhos, como citado acima e como

⁶ TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 121. [TN].

⁷ Sobre a devoção das Quarantore ver em: <http://www.adorazioneeucaristica.it/storia40ore.htm>.

⁸ DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 2, p. 143. [TN].

⁹ SANTORO, D. S., apud. TUSINO, T., op. cit., p. 123. [TN].

aprofundaremos ao longo desse capítulo, Aníbal Maria assim descreve sua vocação sacerdotal:

A minha vocação teve três qualidades: 1. Foi antes de tudo repentina. Conquanto eu amasse a vida de piedade, não pensava, porém, na carreira eclesiástica, máxime naqueles tempos tão dominados pela maçonaria e liberalismo; 2. Foi irresistível. Percebi nitidamente que não podia furtar-me à ação da graça. Devia simplesmente, ceder; 3. Foi seguríssima. Depois de receber aquele esclarecimento, fiquei absolutamente certo de que Deus me chamava e não pude, nem sequer por um instante, duvidar de que Deus me queria naquele caminho.¹⁰

Santo Aníbal Maria foi chamado ao sacerdócio e também à vida religiosa. Inicialmente pensou em ser jesuíta, porém, sob a orientação de seu confessor, tornou-se padre secular. Como vimos, sua vocação deu-se em contrariedade aos desejos e expectativas de sua família. Também seus caminhos como sacerdote não foram aqueles esperados pela própria Igreja de Messina, que via no jovem presbítero uma promissora carreira eclesiástica a ser iniciada na catedral. Entre o final do ano de 1877 e início de 1878, antes da ordenação sacerdotal, ainda como diácono, o encontro com um pobre, chamado Francesco Zancone, marcou toda a vida apostólica de santo Aníbal Maria. No diálogo entre ambos, revela-se o compromisso que naquele momento firmara para toda a sua vida:

- Onde moras?
- Nas casas de Avignone.
- Sabes as coisas de Deus?
- Quem me ensina?
- Onde são essas casas de Avignone?
- Do outro lado, pela Zaèra.
- Tudo bem, irei encontrar-te.¹¹

No carnaval de 1878, final de fevereiro, Aníbal Maria vai ao bairro Avignone, que mais tarde assim descreverá:

Na cidade de Messina existia de muitos anos um amplo amontoado de casebres fabricado com o propósito de abrigar pobres. Assim se formou: tal amálgama dos mais miseráveis, mendicantes e abjetos da cidade, na máxima turbulência, desordem, abandono e sujeira, que aquele lugar se tornou objeto de horror a toda a região; e chamou várias vezes a atenção das autoridades públicas, especialmente nos perigos de epidemia; mas nenhum remédio foi dado. Havia, em cada casebre, em piores condições que um estábulo, uma família de pobres, se família pudéssemos chamar, já que não tinham vínculos nem religiosos, nem civis, nem qualquer grau de parentesco, mas estava-se em meio a brutos. Muitas doenças

¹⁰ TUSINO, T., Non disse mai no, p. 23. [TN].

¹¹ Id., Memorie biografiche, v. 1, p. 336. [TN].

afligiam os olhos de um grande número daquela pobre gente, contagiavam-se as pobres crianças, descalças, imundas, esfarrapadas; via-se a fome com todas as dificuldades da extrema pobreza, camas feitas de palha suja por terra, e grande quantidade de doenças causadas por insetos de várias espécies, até morrerem lentamente devorados por elas.¹² E maiores eram os males morais. As meninas pereciam uma após a outra inevitavelmente. Ninguém ousava colocar os pés naquele lugar de tanta abominação.¹³

Eis que o jovem sacerdote, chamado a um cargo de destaque na catedral de Messina, segue definitivamente para Avignone, bairro desprezado pela sociedade e pela Igreja messinense, onde os últimos buscavam abrigo e sobrevivência. Podemos dizer que Aníbal Maria bebeu na adega do Amado e inebriado por seu amor o buscou e o encontrou onde ninguém jamais o procurara:

Na interior adega do Amado meu, bebi; quando saía, por toda aquela várzea já nada mais sabia, e o rebanho perdi que antes seguia [...] Minha alma se há votado, com meu cabedal todo, a seu serviço; já não guardo mais gado, nem mais tenho outro ofício que só amar é já meu exercício.¹⁴

Ao entrar em Avignone se deu conta que não existia melhor lugar em Messina para exercitar um pouquinho da caridade por puro amor a Jesus Cristo que tanto ama os pobres e os quer salvos.¹⁵

2.1.2.

A missão em Avignone: nascem as obras e os Institutos

Santo Aníbal Maria tinha a plena convicção que o Senhor fala por meio dos superiores, por isso, já ordenado sacerdote, vai ao seu Arcebispo pedir licença para prosseguir na missão em Avignone. Na ocasião, Dom Guarino, entendendo não se tratar de uma obra comum, mas de uma inspiração divina, lhe respondeu: “Vá, vá e salve aqueles pobrezinhos”. E assim o fez! Alugou um dos casebres, colocou a imagem do Menino Jesus, e começou a catequizar as crianças e todos os que se achegassem. O jovem sacerdote já lhes dava mostras de seu verdadeiro amor.¹⁶

Muitas foram as dificuldades encontradas logo nos primeiros anos. Entre 1878 e 1880, Aníbal Maria enfrentou grandes penas interiores, chegando a

¹² TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 342. [TN].

¹³ DI FRANCIA, A. M., *Preziose adesioni*, p. 5. [TN].

¹⁴ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico espiritual*, 26.28.

¹⁵ Cf. DI FRANCIA, A. M., *loc. cit.*

¹⁶ Cf. TUSINO, T., *op. cit.*, p. 348-350.

diminuir sua presença em meio aos pobres de Avignone. As duras realidades, inclusive sua frágil saúde, o levaram a buscar o discernimento junto a sacerdotes e religiosos, seus contemporâneos. Rapidamente os messinenses passaram a conhecê-lo como o “pai dos pobres e das crianças abandonadas”¹⁷. No dia 19 de março de 1881 celebrou a primeira missa no *Quartiere* Avignone, na capelinha dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Aos 08 de setembro de 1882 deu início ao orfanato feminino e aos 04 de novembro de 1883 ao masculino. No dia 01 de julho de 1886, introduziu o Santíssimo Sacramento definitivamente na Capela e esta é das datas mais memoráveis para seus Institutos.¹⁸

Mesmo vendo crescer sua Obra nosso jovem fundador sabe que não está completa, pois faltam os santos e numerosos sacerdotes, bem como os religiosos, religiosas, leigos e leigas¹⁹, que em seu carisma, são os bons operários da mística messe.²⁰ No percurso de seu apostolado, santo Aníbal Maria, conduzido pelo Espírito, no dia 19 de março de 1887, deu início a um Instituto religioso feminino, inicialmente chamando-as de Irmãs do Pequeno Refúgio ou as Pobrezinhas do Coração de Jesus e mais tarde, vindo a chamá-las Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus. Em 1897, deu início ao Instituto masculino dos Rogacionistas do Coração de Jesus.²¹ Os dois Institutos nasceram em meio aos pobres de Avignone, porém, seu fim último está no carisma que Deus suscitou em Aníbal Maria, isto é, levar adiante o mandamento do Coração de Jesus, expresso nos

¹⁷ Cf. VITALE, F., *Il canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere*, p. 85-86.

¹⁸ A história dos primeiros anos de apostolado do Padre no *Quartiere* Avignone pode ser conhecida com riqueza de detalhes nas obras: VITALE, F. *Il canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere*. Messina: Antoniana, 1939; TUSINO, T. *Padre Annibale Maria di Francia. Memorie biografiche*. v. 1. Roma: Rogate, 1995.

¹⁹ No terceiro capítulo trataremos especificamente da oração pelas vocações e do entendimento do fundador acerca do tema, porém, fazemos aqui uma breve menção: “Pedir operários para a Santa Igreja, quer dizer em primeiro lugar pedir sacerdotes segundo o Coração de Deus, em segundo lugar homens e mulheres, religiosos e religiosas, ou também seculares, que plenos do Espírito de Deus e de santo zelo, se empenhem na salvação das almas, com todos os meios possíveis. Por exemplo, um santo educador da juventude é um bom operário da mística messe. O mesmo se pode dizer de um pai ou de uma mãe de família, que educam santamente sua prole e levam ao bom êxito religioso e civil os seus filhos; de um rico que emprega as suas riquezas, no mais que pode, pela glória de Deus e o bem das almas; de um jornalista católico, que nos justos limites combate pela santa religião; e de qualquer um que em si e por suas obras, ou com os meios, ou com a oração, ou com a santidade de vida coopera com a glória de Deus e a salvação da mística messe do divino Patrão, que são as almas”. DI FRANCA, A. M., *Scritti*, v. 2, p. 144. [TN].

²⁰ Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 375.

²¹ Sobre a escolha do nome de seus Institutos podemos ver: GUERRERA, D.; NALIN, G. *I nostri nomi. Lettera circolare alla Famiglia Rogazionista per il centenario dell’approvazione e proclamazione dei nomi dell’Opera (1901-14/15 settembre-2001)*. Roma [s.n.], 2001.

evangelhos de Mateus e Lucas: “Rogai ao Senhor da Messe que envie operários para sua Messe”. Vejamos como o fundador fala de seu objetivo a esse respeito:

Aquele jovem “que se tornou sacerdote teve uma ideia, que poderia ser algo muito caro ao Coração Santíssimo de Jesus e ao Imaculado Coração da Santíssima Virgem, e fecunda de grandes bens, que se formassem duas Comunidades Religiosas, uma masculina e outra feminina, que tivessem o voto de obediência ao mandamento de Jesus Cristo: *Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operários in messem suam*, e por meio deste voto se ligassem a três coisas: 1. Rezar cotidiana e fervorosamente ao Coração adorável de Jesus, a Santíssima Virgem Maria, São José, aos Anjos e Santos para obter numerosos e santos sacerdotes e sacros operários e operárias à Santa Igreja, a todos os povos, a todas as nações do mundo, e vocações santíssimas e extraordinárias a todas as Ordens Religiosas e a todas as dioceses. 2. Propagar em toda a parte, por quanto for possível, este espírito de oração, em homenagem e obediência ao divino mandamento. 3. Fazer-se, por uma e outra, na esfera de sua pequenez e possibilidades, operários da mística messe, trabalhando pelo bem espiritual e temporal do próximo.²²

O carisma floresceu com a presença paterna de santo Aníbal Maria junto aos seus religiosos e religiosas. A ternura e o zelo²³ marcaram sua personalidade em meio àqueles que atendia. Comprometido com as vocações, e podemos dizer que, não por um discurso, mas por seu testemunho que se estende por anos na Igreja, Aníbal Maria Di Francia, cuidou do chamado primeiro de Deus, ou seja, cuidou da vida de todos aqueles que estavam ao seu redor. Como Cristo, soube ser o Bom Pastor em meio aos seus. Seu empenho no cuidado com a qualidade de vida de seus assistidos estendeu-se também no cuidado com seus religiosos e com os sacerdotes em geral.

Santo Aníbal Maria empenhou grande parte de suas orações e esforços no cuidado com os sacerdotes. Com paternal ternura cuidava daqueles que se encontravam no pecado e na apostasia. Em todos os casos que lhe foram confiados pelos bispos se mostrou pai amoroso, pleno de caridade. Recuperou muitos para Cristo e para a Igreja. Diversos sacerdotes, que não tinham bom comportamento e estavam suspensos *a divinis*, foram cuidados por nosso fundador. De alguns recordamos os nomes, seguindo o testemunho de seus primeiros colaboradores:

Recordo o bem feito em favor do apostata Padre Natoli. O levou para Avignone. Já estava quase reabilitado na cúria, mas a tuberculose encurtou a jovem existência. Recordo do sacerdote Meli, dado ao alcoolismo, o que o levava a tantas coisas: de

²² TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 2, p. 6. [TN].

²³ Sobre essa temática podemos referenciar: CECHINEL, N. *Zelo como ternura: uma releitura de Aníbal Maria Di Francia à luz da teologia da ternura de Carlo Roccheta*. Valença: [s.n.], 2008.

acordo com o Arcebispo o levou para Avignone. Recordo o Padre Chinigò, dos Mínimos: secularizado e vivendo em concubinato com filhos: com cuidado permanente, gentil e discreto, obteve dele o arrependimento; mas o terremoto de 1908 lhe tirou a vida. Recordo o sacerdote Carbone que estava em guerra com o Arcebispo: o Servo de Deus o reconduziu a uma vida reta. Com o sacerdote Carbone, suspenso *a divinis*, usou de tanta caridade! Pregou-lhe os exercícios em nossa casa, e se interessou junto ao Bispo, e fez voltar às suas tarefas”. O Padre Carbone não se cansava de celebrar os louvores do Padre, e “muitas vezes – conta um de nossos religiosos – junto ao túmulo do Servo de Deus em Santo Antônio exclamava: - Quanto devo a esta grande alma! Estou seguro de salvar-me porque ele uma vez me prometeu que no Paraíso rezaria por mim!” O Padre Barsanofio Bembi escreveu: “Especial sensibilidade o Servo de Deus demonstrou frente as necessidades do clero e a casa de Ória foi realmente o abrigo de muitos eclesiásticos que vinham pedir ajuda. Nunca recusou esse trabalho mesmo diante de gravíssimas dificuldades e não o desencorajava nem os insucessos, especialmente quando se tratava de obter a reabilitação de algum extraviado”. As orações pelos pobres apóstatas eram contínuas: em um dos seus escritos tinha cinco confiados as santas chagas de Nosso Senhor; e um, cuja apostasia era a mais dolorosa, porque era capelão na casa de Giardini, o havia colocado na chaga do Coração de Jesus (NI, v. 10, 84).²⁴

Estamos tratando de uma alma delicada e cuidadosa, que empenhou sua vida em amar Jesus Cristo naqueles e naquelas que lhe foram confiados. Empenhou-se em não perder um sequer dos que lhe foram entregues.²⁵ Entre os seus religiosos era o primeiro a dar exemplo. Por ocasião da fundação da casa de Ória, local de formação para os religiosos, reunido com os seus dava-lhes as instruções necessárias e distribuía os ofícios de cada um. Para a surpresa e edificação dos jovens, assumiu ele mesmo o ofício da cozinha por uma quinzena de dias, até que conseguissem quem atendesse a tal necessidade. Fazia até mesmo a limpeza da cozinha. Nas palavras de Padre C. Drago entendemos a força de seu testemunho: “Era belo vê-lo com um aventalzinho dos meninos, como lavava os pratos, as panelas, o chão”.²⁶

Cuidadoso com o testemunho de suas ações junto aos seus religiosos, não descuidou de mostrar-lhes a necessidade de uma vida de oração assídua, o que supera qualquer eficiência aparente. Conta-nos Padre C. Drago, que na casa de Ória, dentre os estudantes de filosofia, um dos jovens destacava-se por seu desempenho nas atividades. No entanto, esse mesmo jovem, pouco tinha de vida de oração, diferenciando-se da comunidade pelo pouco valor dado a vida interior.

²⁴ TUSINO, T., *L'anima del Padre*, p. 474-475. [TN].

²⁵ Cf. Jo 17,12.

²⁶ DRAGO, C., *Il Padre: frammenti di vita quotidiana*, p. 49. [TN].

Em uma das visitas do fundador, Padre C. Drago lhe procurou para relatar a situação e pedir-lhe orientação. Eis a orientação de santo Aníbal Maria:

Me admira como ainda o tenhais aqui. O que esperas de um sujeito sem piedade? Jamais poderá ser um bom religioso e muito menos um bom sacerdote. Já deverias tê-lo mandado embora há muito tempo. Se sois assim indulgentes nesta matéria, arruinareis a formação, a Casa a Congregação. Certamente é necessário que sejais reflexivos, longânimes, paternos..., mas não com um sujeito assim obstinado. Talvez vós vos deixastes enganar por sua atividade, pelo quanto produzia; ou talvez foi a falta de pessoal na tipografia e na banda. Se é assim, saibais que cometestes uma grave imprudência de governo. Teríeis feito um mal menor para a Congregação sacrificando o bom êxito da tipografia e da banda, que tolerando um sujeito assim.²⁷

Ainda na primeira parte de nossa pesquisa, falaremos mais sobre a importância da oração na vida de santo Aníbal Maria. Prosseguimos contemplando os frutos de sua oração.

2.1.3. Pai dos pobres e dos órfãos

Passemos agora a alguns exemplos de sua convivência com os pobres, que no dizer de seus primeiros colaboradores, fora de paternal bondade e plena caridade. Conta-nos um funcionário da Casa Mãe, Rosário Marchese, um belíssimo episódio da vida do fundador:

Encontrava-me em Oria – 1910 –; [o Padre] me perguntou de improviso: Você já conquistou algumas indulgências para os seus mortos no terremoto? Te proponho um sacrifício não pequeno: “Lavar Tommaso”. Era o pobre mais repugnante de Ória, pelos parasitas e pela sujeira, que chegavam a fechar-lhe as pálpebras. Aceitei. Aparece então de braços dados com esta triste figura, dizendo-me: “Este é superior a um rei e a um imperador, porque representa a figura de Cristo.”²⁸

Deixou para seus Institutos religiosos o testemunho do Bom Pastor, que trata os pobres com amor, que traz em si o cheiro de suas ovelhas.²⁹ Entre os pobres, santo Aníbal compreendeu sua missão de cuidar das feridas do Corpo místico de Cristo, que anseia por ser curado de suas chagas. Sabia que seu sacerdócio estava unido ao de Cristo, na entrega pelos pobres, os doentes, os tristes e os abandonados. Não fora ungido sacerdote para si mesmo, mas para ser

²⁷ DRAGO, C., Il Padre: frammenti di vita quotidiana, p. 405. [TN].

²⁸ TESTIMONIANZA, n. 11, Ad 33, p. 135-136. [TN].

²⁹ FRANCISCO, PAPA, Exortação apostólica, Evangelii Gaudium, 24.

pai de uma multidão que o Senhor lhe confiara.³⁰ Conta-nos Padre C. Drago, que aos domingos, antes do terremoto de 1908, em Messina, no *Quartiere* Avignone, sempre que o fundador estava presente, não abria mão de fazer ele mesmo a catequese para todos os que ali estavam e, após a pregação, servir as refeições a todos os pobres e comer junto com eles, “[...] o Padre se sentia feliz de estar em meio aos pobres, de servi-los e ajudá-los”³¹. Aproveitava desses momentos para formar os jovens que aspiravam ao sacerdócio:

Vejam como é bom estar com os pobres, ajudá-los e instruí-los na doutrina cristã! É necessário dar-lhes o alimento material, sem deixar faltar o alimento espiritual. Recordai-vos do que disse Nosso Senhor – entre outras coisas – para demonstrar a sua obra messiânica: os pobres são evangelizados. Se quereis ser verdadeiramente bons religiosos Rogacionista, deveis amar muito, muito, os pobres.³²

Semanalmente santo Aníbal Maria ia ter com os órfãos. Passeava no dormitório e se portava como pai, ou melhor, como “terna mãe”. As crianças ao verem-no diziam: “Padre, hoje virás estar conosco? Estamos esperando o senhor!”³³. E eis que dizia aos aspirantes que o viam nesses momentos:

Agora faço isso com os órfãos, pois assim devereis fazer se o Senhor vos der a graça de se tornarem religiosos. Hoje este é o mais caro ideal de minha vida, amanhã deverá ser o vosso. Se não tiveres esse sentimento com os órfãos, não podereis jamais seres bons Rogacionistas. A divina Providência se serviu da necessidade espiritual e temporal dos órfãos e dos pobres para inspirar-me a fundação da Congregação.³⁴

Quando ia em visita à comunidade de Ória, principalmente nas noites de inverno, sempre passava no dormitório antes de se retirar. Era uma presença discreta e paterna. Cobria os que estavam descobertos, conferia as janelas para regular a circulação de ar, verificava o conforto das crianças na cama. Certa vez, frente a um assistente dos órfãos que se assustou com sua presença, disse:

Não tenha medo. Sou eu, quero assegurar-me se estas queridas crianças não têm necessidade de alguma coisa. Percebi que aquele ali tem uma respiração muito cansada; no pulso, me parece que tem febre. O quanto antes, faze-o ir ao médico. A propósito, há quanto tempo não fazes passar a visita médica geral a esses meninos? [...] Ao menos duas vezes por ano é necessário fazer passar por uma acurada visita

³⁰ Cf. FRANCISCO, PAPA, Homilia, Missa Crismal, 28 de março de 2013, Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html, Acesso em: 15/05/2018.

³¹ DRAGO, C., *Il Padre: frammenti di vita quotidiana*, p. 31. [TN].

³² *Ibid.*, p. 31-32. [TN].

³³ *Ibid.*, p. 32. [TN].

³⁴ *Ibid.*, p. 32. [TN].

médica a todos individualmente. Isto é importante para a saúde, porque assim se pode prevenir muitas doenças.³⁵

Com esses testemunhos podemos dizer que temos um carisma que toma carne em meio aos mais miseráveis da sociedade. Santo Aníbal Maria ensina-nos que, nos pobres, se ama Jesus Cristo, Alfa e Ômega de toda a sua existência, de todas as suas obras. O testemunho de uma religiosa das Pequenas Irmãs dos Pobres nos fala o quanto o fundador era amante de Cristo em todos os religiosos e pobres que dele se aproximavam:

Tínhamos por ele uma profunda veneração. Ele nos quer bem de verdade, como suas caríssimas filhas espirituais em Jesus Cristo. Tinha por nós cuidado mais que paterno. E nem lhe digo o cuidado que tinha com nossos velhinhos e velhinhas. Se via que o que fazia para eles, fazia movido por tanta fé e caridade, como se o fizesse ao próprio Jesus Cristo. A sua vinda entre nós nos inspirava conforto e coragem no nosso ofício, mais que um percurso de exercícios espirituais. Nem ao menos nos fazia pedir para vir-nos em ajuda. Frequentemente nos mandava ajuda abundantemente, ora gêneros alimentícios, ora roupas, ora lenha, carvão e outros. Quando recebia coisas apreendidas ou presenteadas, mandava uma porção ao nosso Instituto. Lembro que uma vez nos presenteou com meio atum, e outra vez com um peixe espada inteiro. Quando vínhamos ao seu Instituto, se ele estava, nos acolhia com festa, nos perguntava o que precisávamos e dava com tanta generosidade. Frequentemente nos levava velhinhos e velhinhas abandonados ou pobres abandonados, com cuidado indescritível. Nós, quando éramos levados por ele, fazíamos todo sacrifício para acolhê-los. Esta era uma ótima ocasião para tê-lo em nosso Instituto, quando ia visitar os acolhidos [...].³⁶

Aqui constatamos o trajeto espiritual de um grande místico, que em seu castelo interior encontrou-se com o Esposo Divino e, por amor, escolheu estar ao seu lado junto àqueles que lhes são mais caros. Amar aqueles que o Esposo ama é a vocação da alma fiel que se consagra totalmente à vontade de Deus. Assim viveu santo Aníbal Maria e assim pede que seus filhos e filhas vivam. Na sequência, veremos algumas particularidades da alma de nosso sacerdote, que se tornou pai de todos os que o Senhor da messe lhe confiara.

2.2.

A devoção ao Coração de Jesus em santo Aníbal Maria

2.2.1.

A devoção ao Coração de Jesus no século XIX

³⁵ DRAGO, C., *Il Padre: frammenti di vita quotidiana*, p. 153. [TN].

³⁶ *Ibid.*, p. 377-378. [TN].

Sabemos que o século XIX caracterizou-se muito pelo recolhimento devocional em torno da Paixão de Jesus, expresso na Via Sacra, no Sagrado Coração, no Preciosíssimo Sangue, nas Cinco Chagas, nas Horas de Adoração, dentre outras manifestações. Os novos Institutos religiosos viviam a adoração contemplativa reparadora diante da Paixão de Cristo como característica primária da própria espiritualidade. A instituição da festa litúrgica do Preciosíssimo Sangue, feita por Pio IX através do decreto *Redempti sumus*, de 10 de agosto de 1849, confirmou esta espiritualidade.³⁷

A espiritualidade vitimal se propôs a seguir o Cristo Crucificado pelas práticas da mortificação, do desapego de si, das privações, das humilhações, entre outras. A piedade reparadora adquiriu um incitamento oficial, tornando-se prática eclesial geral, com a proclamação da festa litúrgica do Coração de Jesus no ano de 1856.³⁸ Ao longo do século XIX, a espiritualidade vitimal passou por três momentos fundamentais: a penitência como reparação dos pecados; a coparticipação nos dolorosos sofrimentos que recaem sobre o Coração de Jesus; a oferta em sacrifício, como união de amor com o Senhor. Preocupou-se não apenas em acolher o amor do Senhor, mas, indagou-se como bem corresponder a esse amor. Em sentido mais profundo, a reparação nos coloca em íntima união caritativa com Deus, em Cristo que nos ama.³⁹ Trata-se de saber amar a Deus para saber reordenar e revificar todos os múltiplos valores existentes no amor de Deus em Cristo. Essa espiritualidade evoluiu, colocando a humanidade em busca da renovação da aliança com Deus pela identificação sobretudo com a Paixão do Senhor.⁴⁰

A devoção ao Coração de Jesus, iniciada nos mosteiros como uma exigência de amizade sensível e afetiva com o Senhor, no século XVIII se difundiu no cristianismo como devoção popular. No século XIX, com a devoção à Virgem Maria, a devoção ao Coração de Jesus se tornou a alma da piedade e da espiritualidade popular. O século XIX será chamado de “século do Sagrado Coração”. Essa devoção se concretizou em várias expressões, como a adoração

³⁷ Cf. GOFFI, T., *L'Ottocento*, v. 12, p. 131-133.

³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 140-141.

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 141-142.

⁴⁰ A obra de GOFFI, T., *L'Ottocento*, v. 12, nos aponta uma visão mais ampla a respeito dessas práticas devocionais, tratando inclusive dos cuidados necessários para que não sejam prejudiciais ao cristianismo, no entanto, por nosso objetivo não perpassar essa análise, deixamos a obra como referência de pesquisa, juntamente com uma outra, a saber: BARRANCO, P. C. (ed.). *Enciclopedia temática del Corazón de Cristo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.

reparadora, a hora santa, a primeira sexta-feira do mês, as imagens e escapulários, as consagrações, as peregrinações aos santuários mais conhecidos, o apostolado de oração, a reparação, a entronização de imagens, entre outras práticas. Com Pio IX em 1856 e com a beatificação de Margherita Maria Alacoque em 1864, a festa litúrgica do Sagrado Coração estendeu-se à Igreja Universal. Em 1899, Leão XIII, consagrou o mundo ao Sagrado Coração com a encíclica *Annum sacrum*.⁴¹ Logo,

O mistério do Sagrado Coração de Jesus exprime a intimidade de um Deus condescendente, que assume as pessoas lá onde essas caem para elevá-las através da suavidade do amor de Cristo ao estado de filiação. O símbolo do Coração de Jesus especifica qual seja a força espiritual primária que nos consente viver segundo o Espírito Santo (o Espírito caritativo de Cristo operante sacramentalmente na Igreja) e nos indica a meta mística a qual somos definitivamente chamados (o viver na intimidade caritativa trinitária participada a nós por Cristo). Sendo um símbolo corpóreo, impresso em Jesus, a nossa formação espiritual deve preocupar-se não somente com a alma mas com todo o nosso ser mesmo na sua exterioridade sensível.⁴²

Essa devoção trouxe a todos inúmeras graças, dentre as quais viver a confiança na misericórdia salvífica do Senhor para além de qualquer rígido preceito jansenista. Fez compreender que a união à Paixão de Jesus deveria exprimir-se em uma experiência interior de união com o seu amor. Seguir Cristo, oprimido pela Cruz, tem por fim provar a alegria de seu amor, o que tão bem traduziu santa Teresa do Menino Jesus com a expressão “sofrer amando”.⁴³ Veremos que Aníbal Maria teve no Coração de Jesus todas as intuições de sua vida espiritual e carismática, fazendo-o o grande Titular⁴⁴ de suas fundações. Para santo Aníbal Maria, o Coração de Cristo, é a porta através da qual ele pôde conhecer a profundidade e a largura do amor de Deus, a escola onde fez seus “os sentimentos que foram de Cristo Jesus”, em particular, o da “compaixão” para com a humanidade “cansada e exausta como rebanho sem pastor” e o “zelo” pela glória de Deus e do seu Santo Nome. Por isso, consagrou ao Coração de Jesus as duas famílias religiosas que fundou.⁴⁵

⁴¹ Cf. GOFFI, T., L'Ottocento, v. 12, p. 152.

⁴² Ibid., p. 152. [TN].

⁴³ Cf. Ibid., p. 153.

⁴⁴ FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Costituzioni, 6: “As Filhas do Divino Zelo são dedicadas ao Coração Santíssimo de Jesus... As Filhas do Divino Zelo se caracterizarão por uma verdadeira e particular devoção ao Coração de Jesus, titular da Congregação, porque o seu carisma é expressão especial da sua infinita caridade”. [TN].

⁴⁵ Cf. ROGAZIONISTI; FIGLIE DEL DIVINO ZELO, La devozione al Sacro Cuore, p. 11.

2.2.2.

O Rogate: nasce, cresce e destina-se ao Coração de Jesus

Santo Aníbal Maria estava imbuído das iniciativas de seu tempo, caminhava com muitos outros que, alimentados pela espiritualidade de então, empenharam-se na busca da santidade e no cuidado da humanidade. Podemos dizer que todas as obras de santo Aníbal Maria provinham do seu amor a Jesus Cristo. Como vimos, viveu em uma época em que muitos sacerdotes estavam envolvidos nas grandes revoluções, tomados pela ânsia de levar adiante ideologias que perpassavam o seu tempo. Porém, para o santo messinense, o princípio e o fim de suas atividades apostólicas eram Jesus Cristo. Ao referir-se à sua missão em Avignone, relata-nos suas motivações mais profundas:

O amor que trago a meu Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus, me leva a obedecer a todas as suas palavras, o que produz em mim uma outra chama de amor, isto é, o amor ao próximo. Jesus disse: *Amái ao próximo como a vós mesmos*; e eu me esforço por amar o próximo como a mim mesmo; e é por isso que dediquei a minha mísera vida pelo bem do meu próximo, por quanto mesquinamente posso. Jesus disse: *Dá a quem vos pede e: Aquilo que fazes ao mais miserável o fazes a Mim mesmo*; e eu busco não me negar a ninguém, e na pessoa do pobre venero a pessoa de Jesus Cristo. Jesus abençoou as crianças, as amou com terno amor, e disse *Não desprezeis nenhum destes pequeninos, pois os seus Anjos contemplam a face de Deus*. E eu por isso amo muito as crianças e me esforço para salvá-las. Considero antes de tudo que o maior propósito de tudo aquilo que fez, disse e sofreu Jesus Cristo Senhor Nosso, foi a eterna salvação das almas, e suou sangue no horto pensando nas tantas almas que se perdem por orgulho e pela sensualidade; e eu me esforço antes de tudo pela salvação eterna das almas. [...] Considere, Professor caríssimo, que se eu não amasse Jesus Cristo Deus, me enojaria muito rápido de estar em meio aos pobres mais abjetos, e despojar-me de mim, e perder o sono e a própria tranquilidade pelos pobres e pelas crianças.⁴⁶

Santo Aníbal Maria sabia estar diante de Jesus sofrendor pela falta dos numerosos operários⁴⁷, pois o Pastor é solidário aos filhos e filhas abandonados e sofredores. Atender os pobres de Avignone era atender ao próprio Cristo sofrendor que carrega a Cruz da humanidade. A dimensão caritativa está intimamente ligada ao carisma do Rogate, uma vez que a compaixão pela messe, que nasce no Coração de Jesus, é a missão da Filha do Divino Zelo:

O carisma do Rogate nos empenha a: orar cotidianamente para que o Senhor envie os operários do evangelho; propagar sempre este espírito de oração e promover as vocações na Igreja; ser “boas operárias” do Reino, tornando-nos disponíveis, com o

⁴⁶ DI FRANCIA, A. M., *Lettere del Padre*, v. 2, p. 61. [TN].

⁴⁷ Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 349.

dom de toda a vida, para a promoção humana e a evangelização dos pequenos e dos pobres.⁴⁸

Uma missão que se visibiliza no amor aos mais necessitados, aqueles que se encontram nas periferias do mundo, aqueles que se encontram excluídos não apenas por condições financeiras, mas, por todos os tipos de exclusão, inclusive aquelas de caráter interior. Amar porque cada um destes é amado por Cristo, amar a cada um porque esse amor é o amor ao Divino Esposo, é o caminho para permanecer com Ele em todos os momentos. Uma espiritualidade, um carisma, que nasce, cresce e se destina ao Coração de Jesus. Esposar todos os interesses do Sagrado Coração é o fim específico da Filha do Divino Zelo. Uma espiritualidade em comunhão com seu tempo e ainda hoje, é base sólida para as obras de santo Aníbal Maria, pois, trata-se de contemplar a Sagrada Humanidade de Cristo e assumir os compromissos que nascem desse amor contemplativo. Acompanhemos o próprio fundador a esse respeito, quando em suas Declarações e Promessas, fala do Rogate:

Considerarei que a Igreja de Jesus Cristo é o grande campo coberto de messes, que são todos os povos do mundo e as inúmeras multidões de todas classes sociais e de todas as condições. Considerarei como a maior parte dessas messes perecem por falta de quem as cultive [...]. Sentirei o coração ferido por tanta ruína, especialmente pelas frágeis messes que são as gerações nascentes, me identificarei com as penas íntimas do Coração Santíssimo de Jesus por tanta e contínua miséria e, lembrando-me da Palavra santíssima de Jesus: “*Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*”. Considerarei que para a salvação dos povos, das nações, da sociedade, da Igreja e especialmente das crianças e da juventude, para a evangelização dos povos e para qualquer outro bem espiritual e temporal para a família humana, não pode haver remédio mais eficaz e soberano que este, a nós recomendado pelo Senhor Nosso Jesus Cristo [...].⁴⁹

A devoção ao Coração de Jesus é para santo Aníbal Maria o meio espiritual para evidenciar os desejos mais verdadeiros e mais plenos do coração, ao ponto de declarar com S. Agostinho: “O nosso coração está inquieto, Senhor, até que não repouse em ti”.⁵⁰ Identificamos principalmente dois lugares ou momentos onde Aníbal Maria fez a experiência da força desta fonte, onde o Coração de Cristo está escancarado para acolher os que se aproximam: na eucaristia e na meditação das “penas íntimas” do Coração de Jesus. O fundador viveu a devoção ao Coração de

⁴⁸ FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Costituzioni, 4. [TN].

⁴⁹ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 604-605. [TN].

⁵⁰ SANTO AGOSTINHO, Confissões, 1,1,1.

Jesus por meio de uma vida eucarística, a serviço dos pequenos e pobres e no zelo pelo Rogate para obter os santos operários e operárias para a Igreja.⁵¹ Vemos que o carisma que nasce do Coração de Jesus, é expressão de sua caridade e, Aníbal Maria, se tornou guardião desse mandamento porque teve a graça de penetrar neste Divino Coração. Vejamos que o fundador tudo consagrou ao Coração de Jesus.

2.2.3. Tudo está consagrado ao Coração de Jesus

As pessoas e instituições ligadas a santo Aníbal Maria, pertencem ao Coração de Jesus. Quando inicia a obra a chama Pia Obra dos interesses do Coração de Jesus⁵²; o nome inicial das Filhas do Divino Zelo era Pobrezinhas do Sagrado Coração de Jesus⁵³; as comunidades religiosas consideram o Coração adorável de Jesus no Sacramento como Divino Superior Geral das comunidades⁵⁴; os pobres cuidados e evangelizados pertencem ao Coração de Jesus⁵⁵; as religiosas se assumem e se oferecem como vítimas do Coração de Jesus⁵⁶.

A espiritualidade de nosso fundador é marcada pelo Coração de Jesus. Não podemos falar de Aníbal Maria, de seu carisma e de suas obras, sem nos referir ao Coração de Jesus, princípio e meta de seu viver. As primeiras orações que compôs para obter os bons operários à santa Igreja são dirigidas ao Sagrado Coração de Jesus⁵⁷, de onde nasceu o Rogate⁵⁸. Suas famílias religiosas são consagradas ao Coração de Jesus⁵⁹; dirigia-se ao Coração de Jesus quando devia fundar uma casa⁶⁰; quando desejou obter dois sacerdotes para o Instituto masculino⁶¹; para obter a beatificação de Melania Calvat⁶²; recorreu ao Coração de Jesus para pedir pelas almas do purgatório⁶³; a preparação para a renovação dos votos e das

⁵¹ Cf. ROGAZIONISTI; FIGLIE DEL DIVINO ZELO, La devozione al Sacro Cuore, p. 11-12.

⁵² Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 1, p. 96.

⁵³ Cf. Id., Scritti, v. 2, p. 4.23; v. 3, p. 82.162.

⁵⁴ Cf. Id., Scritti, v. 40, p. 141.

⁵⁵ Cf. Id., Scritti, v. 3, p. 164; v. 4, p. 18.67.

⁵⁶ Cf. Id., Scritti, v. 2, p. 100; v. 4, p. 43.

⁵⁷ Cf. Ibid., p. 7.15.56.

⁵⁸ Cf. Id., Scritti, v. 5, p. 66.

⁵⁹ Cf. Id., Scritti, v. 4, p. 107.

⁶⁰ Cf. Id., Scritti, v. 5, p. 17.

⁶¹ Cf. Ibid., p. 44.

⁶² Cf. Ibid., p. 112.

⁶³ Cf. Id., Scritti, v. 6, p. 40.

promessas foi feita com a invocação ao Sagrado Coração⁶⁴; recorreu para obter as virtudes⁶⁵; sendo ainda convocação à prática das santas virtudes caras ao Coração de Jesus, como por exemplo, a hospitalidade⁶⁶.

Nos momentos difíceis santo Aníbal Maria recorria ao Sagrado Coração. Lemos em seus escritos, que no tempo da visita de um enviado apostólico ao Instituto, fez a oração ao Sagrado Coração de Jesus nas intenções dessa visita.⁶⁷ Terminada a visita também fez rezar a oração ao Coração Santíssimo de Jesus pelo Revmo. Monsenhor Parrillo Francesco, visitador, que em março de 1926, por ordens superiores, deu parecer favorável os Institutos de Messina.⁶⁸ Quando faltava o pão cotidiano, voltava-se ao Coração de Jesus.⁶⁹ Em toda eminência de perigo rezava ao Coração de Jesus.⁷⁰

Para o fundador, a intimidade com o Senhor, com seu Sagrado Coração, também é marcado no tempo. Todos os dias, manhã⁷¹, tarde⁷² e noite⁷³, se invocava o Coração de Jesus que era lembrado todos os dias na missa⁷⁴ e especialmente durante a santa comunhão⁷⁵. Todos deviam fazer uma memória especial aos domingos⁷⁶ e durante a semana santa⁷⁷. Eram frequentes as novenas⁷⁸ e também os tríduos ao Coração de Jesus⁷⁹. Tudo pertencia ao Sagrado Coração de Jesus. Os locais nos quais habitavam as comunidades⁸⁰ e o periódico *Deus e o Próximo* estavam sob os cuidados do Coração Divino⁸¹.

Diante das mudanças sociais, das mazelas enfrentadas por sua época, Aníbal Maria tinha a lucidez de que era necessário ao ser humano retornar ao Coração de Jesus, local seguro, onde a humanidade de todos os tempos, podia experimentar a graça do amor de um Deus que é Misericórdia. Sabia tratar-se de um mistério

⁶⁴ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 6, p. 47.

⁶⁵ Cf. Id., Scritti, v. 9, p. 75.

⁶⁶ Cf. Id., Scritti, v. 40, p. 143.

⁶⁷ Cf. Id., Scritti, v. 4, p. 102.

⁶⁸ Cf. Id., Scritti, v. 5, p. 115.

⁶⁹ Cf. Id., Scritti, v. 6, p. 38.

⁷⁰ Cf. Ibid., p. 22.

⁷¹ Cf. Id., Preghiere e pratiche di pietà, p. 13.

⁷² Cf. Ibid., p. 15-20. 26-27.

⁷³ Cf. Ibid., p. 29.35-36.

⁷⁴ Cf. Ibid., p. 39-43. 108-109.

⁷⁵ Cf. Ibid., p. 44-45.

⁷⁶ Cf. Ibid., p. 52-57.

⁷⁷ Cf. Ibid., p. 296-305.

⁷⁸ Cf. Ibid., p. 108; Id., Scritti, v. 5, p. 112; v. 10, p. 111.166; v. 13, p. 81.

⁷⁹ Cf. Id., Scritti, v. 10, p. 138; v. 13, p. 106; v. 14, p. 72.76; v. 15, 119.128.

⁸⁰ Cf. Id., Scritti, v. 43, p. 91.

⁸¹ Cf. Id., Scritti, v. 52, p. 109-110.

inefável, onde palavras e discursos jamais seriam suficientes para descrevê-lo. Em um discurso, no ano de 1891, afirmava:

[...] como poderei em um tríduo somente recolher e declarar as maravilhas deste Divino Coração? Mesmo que falasse por um ano, tudo seria nada! Assim como se conhece melhor a luz ao vê-la que ao escutar sua definição, assim melhor se conhece o Coração de Jesus ao contempla-lo que ouvindo um discurso sobre Ele. É por isso que ao invés de raciocínios... nós nos contentamos em fixar o olhar sobre este divino Coração.⁸²

Santo Aníbal, com o olhar fixo no Coração de Jesus, contempla o puro amor que o leva a amar.

2.2.4. Coração de Jesus quer dizer “Amor de Jesus”

Em santo Aníbal Maria a devoção ao Coração de Jesus é a expressão de seu amor a Cristo todo inteiro: “O que é o coração? [É] Centro do amor. Coração de Jesus quer dizer: Amor de Jesus”.⁸³ E em outra ocasião dirá: “O Coração Santíssimo de Jesus é a sede do amor”.⁸⁴ Está tratando da sede e revelação do amor divino, do templo da Santíssima Trindade, da fonte eterna de todas as graças, de todos os bens, de todos os dons, do abrigo de todos os pobres, de todos os sofredores, de todos os aflitos, de todos os pequenos. O Sagrado Coração é o templo de Deus e da pessoa.⁸⁵

Iniciando um discurso, em julho de 1882, tranquilizava seus ouvintes dizendo que não utilizaria de repertório teológico para falar sobre o Coração de Jesus, porém, que diria do alicerce de qualquer discurso: “Eu vos falarei do amor; daquele amor do qual ardem continuamente por nós o Coração Santíssimo de Jesus e o Coração Santíssimo de Maria”.⁸⁶ Em outubro de 1889, o veremos interrogar-se sobre a natureza do Sagrado Coração:

Mas o que é este Coração do Homem Deus? É o centro, é a manifestação, é a sede – antes ele mesmo é o amor vivo e eloquente: o amor eterno que aparece no tempo

⁸² DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 11, p. 42. [TN].

⁸³ Id., Scritti, v. 10, p. 168. [TN].

⁸⁴ Id., Scritti, v. 11, p. 85. [TN].

⁸⁵ Cf. Id., Scritti, v. 4, p. 110.

⁸⁶ Id., Scritti, v. 10, p. 152. [TN].

e se revela a nós. [...] devendo falar da glória deste divino Coração não podemos falar de outra coisa que do amor de Jesus Cristo por nós.⁸⁷

Falar do Coração de Jesus é falar do Amor, é falar de Deus, porque Deus é amor.⁸⁸ Equivale a falar do Verbo que se encarnou, permitindo a humanidade contemplar o Sol da Caridade Divina, que mesmo na Cruz, de seu lado aberto, continuou derramando sobre todos uma torrente de amor e misericórdia. No dizer do fundador, era necessário que o Amor se revestisse de nossos afetos, de nossos sentimentos, de nossa natureza, para que pudéssemos compreendê-lo; enfim, era necessário que o amor palpitasse, que tivesse um coração como nós, para que nesse Coração, pudéssemos contemplar o Amor, o verdadeiro Amor pelo qual clama o inquieto coração da humanidade.⁸⁹ Num salto histórico, encontramos Bento XVI que assim nos fala desse amor:

O coração de Deus comove-se! [...] a Igreja oferece à nossa contemplação este mistério, o mistério do coração de um Deus que se comove e derrama todo o seu amor sobre a humanidade. Um amor misterioso, que nos textos do Novo Testamento nos é revelado como paixão incomensurável pelo homem. Ele não se rende perante a ingratidão, e nem sequer diante da rejeição do povo que Ele escolheu para si; pelo contrário, com misericórdia infinita, envia ao mundo o seu Filho, o Unigênito, para que assuma sobre si o destino do amor aniquilado a fim de que, derrotando o poder do mal e da morte, possa restituir dignidade de filhos aos seres humanos, que o pecado tornou escravos. Tudo isto a caro preço: o Filho Unigênito do Pai imola-se na Cruz: "Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim" (cf. Jo 13, 1). Símbolo de tal amor, que vai além da morte é o seu lado traspassado por uma lança.⁹⁰

Ainda no discurso de 1882, Aníbal Maria, dirá que Deus é o Infinito Amor que nos amou desde os séculos eternos.⁹¹ Tendo criado o ser humano à sua imagem e semelhança lhe deu um coração capaz de amar. O amor é o sustento da vida, é o sentimento que revela a humanidade, é o que une a sociedade. Para ele, se o amor fosse retirado da sociedade, tudo se dissolveria, e os homens se tornariam semelhantes a animais ferozes.⁹²

⁸⁷ DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 11, p. 8. [TN].

⁸⁸ Cf. BENTO XVI, PAPA, Carta Encíclica, Deus Caritas Est, n. 1.

⁸⁹ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 11, p. 8.

⁹⁰ BENTO XVI, PAPA, Abertura do ano sacerdotal no 150º aniversário da morte de São João Maria Vianney, 19 de junho de 2009, Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090619_anno-sac.html, Acesso em: 13/06/2019.

⁹¹ Cf. Jr 31,3.

⁹² Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 10, p. 153.

É a fidelidade de Deus que garante a vitória do Amor em meio a humanidade, é “[...] o seu Coração divino [que] chama o nosso coração; convidamos a sair de nós mesmos, a abandonar as nossas seguranças humanas para confiar nele e, seguindo o seu exemplo, fazer de nós mesmos um dom de amor sem reservas”⁹³ para o bem de toda a criação. Dizer “Coração de Jesus” para santo Aníbal Maria é dizer “Jesus”, é ter diante dos olhos o Verbo encarnado que assumiu em tudo a natureza humana, exceto o pecado, manifestando ao mundo o Pai, ao qual são João Evangelista define como *Caritas*.⁹⁴ Se desejamos ser nós mesmos, isto é, criaturas à imagem e semelhança de Deus, devemos viver retirados no Coração de Jesus.⁹⁵ O Coração de Jesus é um “Segredo”⁹⁶ desconhecido para os homens, um tesouro escondido no campo⁹⁷, que ninguém pode conhecer ou encontrar, ao menos que o revele o próprio Cristo. É na intimidade de “coração a Coração”⁹⁸ que a humanidade poderá penetrar neste Coração e viver segundo seus desígnios, permitindo que seja Ele o Coração da própria humanidade.⁹⁹ Chegar a este Coração, é adentrar a morada central, onde se dá o matrimônio com o Divino Esposo, onde a alma encontra sua plenitude.

2.2.5. Amar com o amor do Coração de Jesus

Santo Aníbal Maria não fala de um amor abstrato, confinado em sentimentalismos e discursos, mas, refere-se ao amor encarnado que assume as últimas conseqüências por aqueles que ama, para que não se perca um sequer dos que o Pai lhe confiou.¹⁰⁰ Mostrou com sua vida, que o verdadeiro amigo é aquele que dá a vida por seus amigos¹⁰¹, traduziu o amor como a entrega de si por aqueles que se ama. Nesta perspectiva santo Aníbal Maria nos chama a olhar para a Paixão de Cristo e nela contemplar o amor que redime e salva toda a

⁹³ BENTO XVI, PAPA, Abertura do ano sacerdotal no 150º aniversário da morte de São João Maria Vianney, 19 de junho de 2009, Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090619_anno-sac.html, Acesso em: 13/06/2019.

⁹⁴ Cf. 1Jo 4,16.

⁹⁵ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 10, p. 168.

⁹⁶ Ibid., p. 112. [TN].

⁹⁷ Cf. Ibid., p. 111.

⁹⁸ BENTO XVI, PAPA, loc. cit.

⁹⁹ Cf. Ibid.

¹⁰⁰ Cf. Jo 6,37-40.

¹⁰¹ Cf. Jo 15, 13.

humanidade: “Contemplemos Jesus na sua Paixão: aqui o Amor o coloca sob a prensa, o esmaga, o transforma no homem das dores. Jesus Crucificado é o argumento invencível do Amor de Deus para com o homem”.¹⁰² Mas, não paramos aqui. Santo Aníbal Maria nos convida a contemplar o Cristo todo, todo o mistério de sua Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição, considerando-o em toda a sua humanidade, para ali contemplar o Amor em sua pura realidade, Amor que fica no Coração Santíssimo de Jesus:

Até então contemplamos Jesus no seio de Maria, no Presépio, na vida oculta, nos milagres, na Paixão; vemos o Amor nas suas manifestações externas: mas não é esta a mais bela contemplação do Amor. A mais bela contemplação é projetar o olhar até o íntimo da humanidade de Jesus Cristo, é perseguir o Amor, a base, a origem. E onde fica esta base? Fica no Coração Santíssimo de Jesus. Sim, naquele divino Coração encontra-se concentrado todo o Amor de Jesus.¹⁰³

Diante de um Deus que é Amor e Misericórdia¹⁰⁴, Aníbal Maria nos dirá que Jesus não quer corações tíbios, e sim amor: amor íntimo, terno, expansivo, forte, tranquilo, e ao mesmo tempo ardente, fervoroso e constante. Exortou a um amor verdadeiro, repleto de entusiasmo, de vontade, de inteligência e de todas as forças interiores e dos sentimentos da alma. Para isso, indicou a necessidade de tê-lo sempre presente, evocando a memória de todos os mistérios de sua vida, cultivando grande gosto pela oração diante da eucaristia, que nas palavras de Aníbal Maria, é o “ninho amoroso” que Cristo escolheu para si e para os seus.¹⁰⁵ Às Filhas do Divino Zelo convida para se unirem esposalmente ao Coração de Jesus e fazer dos interesses do Esposo, seus próprios interesses, dando-lhes um mandamento que expressa sua missão:

[A Filha do Divino Zelo] tem pois, um fim todo especial, isto é: penetrar no Lado Santíssimo de Jesus, viver dentro daquele Coração Divino, sentir seu Amor, esposar todos os seus interesses, compartilhar todas as suas penas, participar do seu sacrifício, consolar aquele Divino Coração com a própria santificação e conquistando-lhe almas, especialmente com a obediência àquele Divino Mandamento saído do Divino Zelo do Coração de Jesus quando disse: “A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi ao Senhor da messe, para que mande

¹⁰² DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 11, p. 67. [TN].

¹⁰³ Ibid., p. 67. [TN].

¹⁰⁴ Podemos aprofundar o tema em: FRANCESCO, PAPA. Il nome di Dio è Misericordia. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016.

¹⁰⁵ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 45, p. 398.

operários para a sua messe”. Tudo isso farão com os exercícios de Maria e de Marta, isto é, da vida interior e da vida ativa.¹⁰⁶

E dirá mais:

Vós vos chamais Filhas do Divino Zelo, e trazeis sobre o peito o emblema do divino Coração com aquelas Palavras Evangélicas: *Rogate ergo Dominum Messis, ut mittat operarios in messem suam*. Tanto o vosso nome, como a sagrada palavra evangélica vos impelem a cuidar com todas as forças e mesmo com sacrifício da vossa vida, dos interesses do Coração adorável de Jesus e de tudo que se refere a sua glória e o bem das pessoas. Sois chamadas aos ofícios de Marta e de Maria, e transformastes em profissão aquele zelo divino, que fez Nosso Senhor Jesus Cristo exclamar: “*O zelo pela vossa casa me devora*”. Portanto, vós não deveis cuidar só da vossa salvação: o mundo está cheio de pessoas que podem se perder: arrancai-as – quantas puderdes, quantas vos forem possível, à eterna ruína. Mas de todas aquelas que não podeis salvar com vossas obras, tende um desejo intenso, uma fome e uma sede contínua da salvação delas.¹⁰⁷

Penetrar o Coração de Jesus, é tomar para si toda a vida do Divino Esposo e colocar-se sempre junto dele no projeto do Reino de Deus. Por amá-Lo e pela graça deste amor, amar todos os que Ele ama, entregar-se por seus interesses, empenhar-se na salvação de toda a humanidade que mereceu toda a vida redentora de Cristo. Como dissemos, Aníbal Maria não apresenta o amor ao Coração de Jesus apenas como uma prática devocional, mas a compreende e a sugere como caminho espiritual, tendo a clareza de que, ao contemplar e penetrar o Coração de Jesus, contempla-se toda a Humanidade do Verbo Encarnado, e recebe como graça todo o seu projeto de vida, o que faz da consagrada Filha do Divino Zelo, esposa amante, que sempre estará junto ao Esposo, levando ao cumprimento, com a entrega da própria vida, a sua missão. Para esse fim, o fundador, convoca suas religiosas a nunca se afastarem da meditação das penas íntimas do Coração de Jesus, a fim de unir-se ainda mais ao amadíssimo Esposo:

Essa paixão abraça as penas íntimas e inenarráveis amarguras, que o divino Redentor Jesus experimentou durante toda a sua vida em seu Sacratíssimo Coração, isto é, tudo aquilo que o Coração adorável sofreu e agonizou desde a sua primeira palpitação até a última, diante de todos os pecados que devia expiar, e que via, e penetrava em toda a sua malícia e horror; à vista das ingratidões humanas e das inúmeras pessoas que deveriam perder-se eternamente! Penetrar neste singular, incessante e inexprimível sofrimento do Coração Sacratíssimo de Jesus é um

¹⁰⁶ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 723. [TN].

¹⁰⁷ Id., Scritti, v. 45, p. 398-399. [TN].

grande dom da misericórdia de Deus, e conduz a pessoa a uma grande compaixão, gratidão e amor.¹⁰⁸

Vemos o empenho do fundador em colaborar para que cresça o vínculo amoroso entre suas religiosas e Jesus Cristo. Não queria um Instituto de consagradas túbias, ou movidas em seu apostolado por ideologias passageiras. Auxiliá-las no verdadeiro amor a Cristo, pelo íntimo encontro de “coração a Coração”, pelo conhecer e assumir suas dores, é um percurso espiritual que traria frutos de ação concreta para as suas Obras. Recomendou as suas filhas para que se empenhassem em não salvar somente a si próprias, pois assim, correriam o risco de não salvar-se. Amar Jesus Cristo, estar em seu Coração, lança ao compromisso com toda a messe abandonada, amada e redimida pelo próprio Coração Compassivo do Senhor. Quem ama a Cristo e toma com Ele matrimônio, não se julga melhor que os demais, mas, a exemplo do Esposo, empenha a própria vida em cumprir a Vontade de Deus de que todos se salvem.¹⁰⁹

Desejar Jesus Cristo, estar em sua presença, estar dentro de seu Coração, é o princípio e o fim de todo o apostolado da Filha do Divino Zelo, de toda a sua dedicação pela salvação das pessoas. O empenho em tornar-se santa, tem por finalidade, a glória de Deus e a salvação da humanidade. Não estamos nos referindo a uma devoção intimista e alienante, mas, à verdadeira santidade que não alimenta o amor próprio, não favorece paixões desordenadas, não satisfaz os próprios sentidos, não está submetida a ilusões.¹¹⁰ Estamos, com Aníbal Maria, tratando de um encontro pessoal, que leva ao compromisso real com o Amado e com toda a humanidade. Trata-se de um amor verdadeiro, que torna-se visível nas obras que suscita:

O amor se exprime com os fatos e as palavras. Mas, para que os fatos e as palavras sejam plenos de amor, devem partir do coração. Se eu faço um bem e não o faço com todo o coração... se digo a um amigo que o quero bem, etc. e não digo com todo o coração, do que vale? Pois bem: Jesus Cristo Senhor nosso depois que fez tudo e disse tudo [...] nos fez conhecer o seu Coração: tudo que sofria e fazia, tudo o fazia e dizia com todo o Coração! Em cada ação se via o seu Coração.¹¹¹

A espiritualidade de Aníbal Maria, desenvolveu-se no Coração de Jesus. Contemplação e ação partem da intimidade com Jesus Cristo, com a inteireza de

¹⁰⁸ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1914-1927), v. 6, p. 309. [TN].

¹⁰⁹ Cf. Id., Scritti, v. 1, p. 240.

¹¹⁰ Cf. Id., Scrittiv. 6, p. 135-136.

¹¹¹ Id., Scritti, v. 13, p. 58.[TN].

sua vida. Entendemos que a contemplação da Humanidade do Senhor, expressa na vida de santo Aníbal pela contemplação e devoção ao Coração de Jesus, é base sólida em todo o seu itinerário. Essa espiritualidade se desdobrará em outras manifestações.

Na sequência, destacaremos a espiritualidade eucarística de santo Aníbal. Trata-se do amor que nutriu o fundador e todos os seus empreendimentos espirituais e temporais.¹¹²

2.3.

A espiritualidade eucarística de santo Aníbal Maria

2.3.1.

O Rogate nasce do Coração Eucarístico de Cristo

O século XIX é marcado pela grande centralidade na eucaristia, no convite à comunhão frequente, à adoração eucarística e à adoração privada com fins a reparação às ofensas feitas a Jesus. Foi neste século, no ano de 1881, que aconteceu o primeiro congresso eucarístico internacional. Trata-se de um período em que o contato mais íntimo com a eucaristia favoreceu o desenvolvimento de uma espiritualidade de diálogo interior com Jesus, de intimidade, de recolhimento, de horas de conversas com Jesus no tabernáculo. Os santos deste período colocaram a eucaristia no centro de suas vidas e obras.¹¹³ Santo Aníbal Maria encontra-se nesse contexto e a intuição carismática aconteceu na adoração eucarística.

Podemos retomar nosso diálogo sobre a eucaristia a partir da intuição carismática que o jovem Aníbal Maria teve diante do Santíssimo Sacramento. Sensível às mazelas de sua gente, e principalmente diante da decadência do clero na cidade de Messina, o jovem se sentiu impelido a dedicar sua vida à oração para que do Coração de Jesus viesse à Igreja santas vocações, comprometidas com o cuidado da vida em todas as suas dimensões. Foi na Igreja de São João de Malta¹¹⁴, diante da eucaristia, que a intuição nasceu em seu coração:

¹¹² Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 11, p. 8.

¹¹³ Cf. GOFFI, T., L'Ottocento, v. 12, p. 126-131.

¹¹⁴ De acordo com a *Positio*, Cronologia, v. II, a inspiração carismática aconteceu no ano de 1868, quando o Aníbal Maria tinha 17 anos. Neste período de sua vida recebeu de seu confessor a permissão para receber diariamente a eucaristia e foi rezando diante do Santíssimo Sacramento exposto por quarenta horas que intuiu a necessidade de rezar pelas vocações. É o que se pode definir como a "Inteligência do Rogate". Algum tempo depois, descobriu nos evangelhos (Mt 9,38

[...] teve em mente este pensamento dominante, ou seja, que para realizar o maior bem na Igreja, para salvar muitas almas, para estender o Reino de Deus sobre a terra, nenhum meio seria tão seguro, quanto o aumento dos eleitos ministros de Deus [...] e que pois ótima e frutuosa oração seria aquela de pedir insistentemente ao Coração Santíssimo de Jesus que enviasse sobre a terra homens santos e sacerdotes eleitos [...]. Esta ideia lhe parecia muito clara e indiscutível. Logo depois ficou surpreso e admirado ao ler no Santo Evangelho aquelas divinas Palavras: “A messe é grande, mas os operários são poucos: rogai, pois ao Senhor da messe para que mande operários para a sua messe”. Esta intuição-inspiração deve ser posta “no início de sua vida espiritual” quando ainda não havia amadurecido nele o chamado ao sacerdócio.¹¹⁵

O próprio fundador nos relata que a inspiração carismática nasceu aos pés de Jesus Sacramentado e se enraizou em seu contexto, no encontro com as multidões “cansadas e abatidas” do bairro de Avignone. Aníbal Maria tinha consciência de que junto à eucaristia Jesus instituiu o sacerdócio ministerial: “Recordai-vos que da mesma geração do infinito amor do vosso adorável Coração nasceram estes dois sacramentos, a ‘eucaristia e o Sacerdócio’”.¹¹⁶ A Pia Obra, conforme chamava seus Institutos, tinha a missão de “institucionalizar o divino comando” do Rogate, por isso, Jesus Sacramentado quis ser o seu verdadeiro Fundador¹¹⁷:

Todo o centro amoroso, fecundo, necessário e permanente desta Pia Obra dos interesses do Coração de Jesus, deve ser Jesus Sacramentado. Deve saber-se e considerar-se, agora e para sempre, que esta Pia Obra teve por seu verdadeiro, efetivo e imediato fundador Jesus Sacramentado. Parece que desta Pia Obra se pode dizer: *Novum fecit Dominus*: Deus fez uma coisa nova; normalmente nas obras que Deus faz, costuma Ele mesmo colocar um fundador cheio de suas graças e de seus dons; mas nesta Pia Obra, que devia institucionalizar o divino comando do zelo de seu Coração, por tantos anos esquecido, pode-se dizer que nosso Senhor mesmo, sem intermediação de um fundador no real sentido da palavra, se mostrou zeloso de ser Ele mesmo, do Santo Tabernáculo, o verdadeiro fundador.¹¹⁸

Falar da espiritualidade que sustentou a vida carismática de santo Aníbal Maria é falar da eucaristia, é falar da intimidade que o jovem clérigo estabeleceu com Jesus Cristo, tomando para si os interesses de seu Coração. Tornar-se um novo Cristo em meio à messe abandonada foi a meta do jovem sacerdote. Morreu

e Lc 10,2) o mandamento de Jesus: “Rogate ergo [...]”. Cf. VITALE, F., *Vita e opere*, p. 14-15.43-44.155.

¹¹⁵ POSITIO, *Informatio*, v. 1, p. 48. [TN].

¹¹⁶ DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Preghiere al Signore*, v. 2, p. 295. [TN].

¹¹⁷ Sobre este tema recomendamos: SALEMI, M. T.; RAMPAZZO, B., 150º da inspiração do Rogate: Carta Circular aos Rogacionistas, às Filhas do Divino Zelo, à Família do Rogate. Roma [s.n.], 2018.

¹¹⁸ DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti (1914-1927)*, v. 6, p. 396. [TN].

empenhando todas as suas forças pela implantação do Reino de Deus inicialmente no *Quartiere Avignone*, depois por toda a Itália, e por fim, expandindo-se pelos cinco continentes. A “pequena caravana” nasceu do Coração Eucarístico de Jesus, e vive para amar aquele que primeiro a amou.

A eucaristia é um sinal revelador do Sagrado Coração. Santo Aníbal Maria entende toda a vida de Jesus numa perspectiva eucarística, tratando todos os momentos como uma perene prova de amor para com a humanidade. A eucaristia perpetua o sacrifício de seu amor, pois a prova permanece contínua por todos os séculos.¹¹⁹ Sob o aspecto antropológico nos faz compreender que quem ama deseja estar sempre com o amado. A eucaristia revela este aspecto do amor do Sagrado Coração que divide momentos ternos e solenes com seus amantes. Momentos que renovam toda a vida, que garantem a companhia, a intimidade, a memória, o fazer-se um com o Senhor.¹²⁰ Na eucaristia o Bom Pastor chama suas ovelhas para nele permanecer e refazerem as forças nas pastagens fartas e restauradoras que oferece seu amante Coração.

Em Avignone, santo Aníbal Maria empenha-se para fazer amada a eucaristia e para que todos reconheçam no Coração Eucarístico de Cristo o amor que os sustenta.

2.3.2. A festa do 1º de Julho

Retomando o trajeto histórico de nosso santo, veremos que a chegada definitiva de Jesus Sacramentado em Avignone precedeu o início de seus Institutos Religiosos. O memorável acontecimento deu-se no dia 01 de julho de 1886, data em que, após dois longos anos de preparação do povo de Avignone, o fundador introduziu definitivamente a eucaristia na Pia Obra. Um amor terno, inocente, próximo, que demonstra a confiança e a entrega ao Deus Misericordioso que se fez Pão para alimentar a fome de sua gente, e que, do sacrário atesta sua permanência até o fim dos tempos junto àqueles que amou e redimiu. Aníbal Maria desde o princípio celebrou a eucaristia em Avignone, dando prioridade aos domingos e dias de festa. Sabia da importância de que o Senhor estivesse com seu povo, no entanto, não queria que isso fosse apenas o cumprimento de um dever

¹¹⁹ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 11, p. 85-86.

¹²⁰ Cf. Ibid., p. 13.

piadoso. Desejou ardentemente preparar todo o povo para bem receber Jesus e permanecer com Ele. Para o fundador, Jesus Sacramentado devia ser visitado, cortejado, adorado, amado, e, para isso, era preciso anunciá-Lo, fazê-Lo conhecido, desejado por todos os corações, e assim a presença do Senhor no Sacramento traria frutos de graças e de virtudes em meio aquele povo.¹²¹

Sua pedagogia foi excepcional. Conseguiu suscitar em todo o povo do *Quartiere* Avignone o verdadeiro desejo de receber Jesus Sacramentado em seu meio. Vejamos o que ele próprio nos diz a respeito desse dia no discurso de 01 de julho de 1907:

Nascia espontâneo em todos o desejo que o oratório se fizesse sacramental. Este pensamento predominava no Iniciador¹²² desta Pia Instituição. Na verdade nos seria necessário bem pouco para colocar o Santíssimo Sacramento: teria bastado a permissão segundo a lei eclesiástica; mas o sacerdote que iniciou a Obra estimou que a vinda de Jesus Sacramentado naquele oratório, em meio àquela multidão de pobres de todas as espécies e de criancinhas, fosse precedida de uma preparação significativamente longa e capaz de impressionar profundamente as almas: estimou que a vinda do Santíssimo Sacramento naquele local significasse um acontecimento, um marco da Obra, porque Nosso Senhor Jesus Cristo estaria lá hospedado em meio aos pobrezinhos, feito também Ele pobre entre aqueles casebres, por amor dos seus filhos abandonados.¹²³

Santo Aníbal Maria narra que ao longo dos dois anos viveram verdadeiramente à espera do Messias, que nasceria na nova Belém, escondido não em sua humanidade, mas Deus e Homem escondido sob a espécie eucarística, para permanecer com os seus até a consumação dos séculos.¹²⁴ Suscitou nos corações o desejo de receber o Senhor que chegaria. Como veremos adiante, teve iniciativas simples, mas de eficaz resultado. Sabemos que o processo catequético durou dois anos e foi repleto de atos de piedade e de consistente catequese acerca da presença permanente da eucaristia no *Quartiere*, movendo os corações à fé, ao amor, ao desejo de Jesus. Com o hino “Céus dos Céus, abri-vos, desça o Dileto a nós”, Aníbal Maria despertava em seus filhos e filhas um convite amorosíssimo, com o qual muitas almas inocentes e humildes chamavam o ‘Sumo Bem’ para estar em seu meio. Ao hino juntou uma belíssima oração, com a qual, elevando a

¹²¹ Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 561.

¹²² Assim preferia ser chamado o Padre: Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 561.

¹²³ TUSINO, T., *op. cit.*, p. 561-562. [TN].

¹²⁴ Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 1, p. 97.

voz como a esposa do *Cântico dos Cânticos*, diariamente chamava por seu Dileto¹²⁵:

Vinde, Jesus Salvador, vinde, ó divino amor nosso Jesus, que vos deixastes por nós sacramentado e dissestes aos vossos Apóstolos: Eis que estarei convosco até a consumação dos séculos. Nós vos pedimos: dignai-vos de vir sacramentado, em meio a nós, dignai-vos de vir habitar nesta igrejinha, para que possamos ter a inestimável graça de possuir-vos sempre conosco. Vinde, Jesus Salvador, vinde; nós vos esperamos, Vos desejamos, nós vos chamamos com os gemidos mais ardentes do nosso espírito. Grande graça será para nós, quando vos tivermos dentro deste tabernáculo. Então nos consideraremos felizes e nos parecerá estarmos no Paraíso, porque o Paraíso sois vós, o Supremo Senhor de todas as coisas. Ah, nós não somos dignos de tamanha graça, e este lugar é muito miserável e mesquinho para vós que os céus não podem conter, e que sois eterna e infinita Majestade! Mas vós sois o amigo dos pobres, que nascestes e crescestes em pobreza por nosso amor. Nós, portanto, vos imploramos: vinde, ó Jesus Salvador, vinde; vinde ó Jesus amabilíssimo, ó Jesus diletíssimo, vinde: plante aqui o seu pavilhão, ó Rei pacífico, que haveis plantado a vossa vinha neste lugar. Ah, não mais tardeis, doce e caro Jesus, que nós não podemos mais ficar sem vós! Pai amorosíssimo, não nos deixeis mais órfãos; nosso Irmão dulcíssimo, não nos priveis de vossa divina presença. Vinde, ó Jesus Salvador, vinde: vós sois todo desejável, vós sois o tesouro escondido no campo da Igreja, e o nosso coração não pode mais ficar sem vós. Tesouro escondido, vinde; vinde, ó Jesus Salvador, não mais tardeis. Amém.¹²⁶

Era um convite de amor feito pelo fundador e por todos os pobres do *Quartiere Avignone*. De maneira terna e pura Aníbal Maria fazia perceber que o Senhor também desejava estar definitivamente em meio ao seu rebanho, que já na Encarnação assumiu sua pobreza e os amou até o fim, elevando-os à dignidade que Deus lhes preparara desde toda a eternidade. Não somente o ambiente externo era preparado, mas, principalmente os corações, aos poucos iam se fazendo disponíveis e desejosos para acolher em meio a sua realidade o Senhor que os ama com eterno amor. Em uma leitura atual, podemos afirmar que Aníbal Maria preparou Avignone para acolher Jesus no Sacramento, mas, também, olhando-O nas espécies do pão e do vinho, ajudou-os a reconhecê-Lo em seus próprios corações, como a ‘Divina Majestade’ que habita a pobreza de sua criatura, que dá a excelência ao “castelo interior”, que está no centro da alma de cada um dos seus. Tal graça abre horizontes para que se reconheça não apenas em si a presença do Amado Senhor, mas, o reconheça em cada um daqueles que no cotidiano compartilham do mesmo pão e do mesmo cálice, ao redor do mesmo altar que santifica e fortalece para a missão. Acolher Jesus Sacramentado foi um gesto que

¹²⁵ Cf. TUSITO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 562.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 562. [TN].

favoreceu Avignone a acolher o Cristo que habitava aquele lugar miserável, que habitava o coração de cada semelhante, garantindo-lhe toda a dignidade e beleza da criação. Com São Clemente I, podemos dizer diante da dolorosa realidade dos pobres de Aníbal Maria e da esperança e dignidade que a presença de Jesus Sacramentado suscitou em seu meio: “Consideremos o que é belo, o que é bom, o que é agradável ao nosso Criador. Fixemos atentamente o olhar no sangue de Cristo e compreendamos quanto é precioso aos olhos de Deus seu Pai esse sangue [...]”.¹²⁷

Dentre tantas iniciativas espirituais, a contemplação do tabernáculo aberto e vazio, dizia da ausência daquele que deveria ser esperado com ânsia por todos. Rezava-se diariamente suplicando essa vinda, certos de que era Ele o centro amoroso a restaurar toda as vidas que ali estavam. O dia 1º de Julho de 1886 foi escolhido para receber o “Divino Senhor”. Na medida que se aproximava o dia, aumentavam os preparativos e a espera. O próprio fundador preparou um hino para ser cantado assim que o Senhor fosse colocado no tabernáculo.

É um dia memorável em todo Instituto até os tempos atuais. Uma das datas celebradas com maior solenidade por todos os que compõem a família espiritual de santo Aníbal Maria. Ainda hoje, todos recordam a beleza desse dia, quando os órfãos e órfãs, vestidos com roupas novas, esperavam na pequena Igreja o sagrado acontecimento. Ao redor da Igreja, nas ruas adjacentes, muitos escritos lembravam o que estava para acontecer. As sete da manhã nosso ardoroso fundador iniciou a celebração da santa Missa e a espera pela chegada do Santíssimo deu-se em meio às vozes inocentes que cantavam em meio aos harmônios¹²⁸:

Céus dos Céus, abri-vos,
deixa o Dileto a nós,
contido na Hóstia, vítima
do seu divino amor.
Venha entre os filhos seus
o amado Redentor.

Ó Eterno Pai, os filhinhos
Prostrados diante de Ti
Erguem as mãos e pedem:
Manda-nos Teu Filho

¹²⁷ CLEMENTE I, PAPA, Da carta aos coríntios: sofreram vítimas de um ódio iníquo, tornando-se para nós um magnífico exemplo de fidelidade, p. 1454-1455.

¹²⁸ Cf. TUSINO, T., Memorie biografiche, v. 1, p. 564.

Que enxugue o nosso pranto,
Que atenuie as nossas dores.

Nós somos crianças e pobres
Fugindo dos perigos,
Nada buscamos no mundo,
Tudo esperamos em Ti,
Vem reinar entre os filhos,
Pai amoroso e Rei.

Nós Te esperamos com ânsia
Com sedento afeto;
Terno amante, apressa-Te.
Não nos deixe assim,
Já está pronto o Templo
Que o nosso amor Te oferece.

Vem, ó Jesus, delícia
dos nossos corações, vem
neste tabernáculo,
Sacramentado Amor,
dar-nos os verdadeiros bens,
as virtudes do Teu Coração.

Sem Ti nós somos órfãos,
deserto é este lugar;
tudo é incerteza: Satanás
serpeia aqui e ali.
Vem e acende o fogo
da Tua caridade.

Como cordeirinhos frágeis
em torno do Bom Pastor,
estaremos todos unânimes
aos Teus pés, Jesus;
Contigo a noite e o dia,
não nos aprisionam.

Jesus dileto, apressa-Te,
Sacramentado Bem,
Vede com quantas lágrimas
Te chamamos a cada hora,
Olha as nossas penas,
Consola o nosso coração.

Vem reinar entre as crianças
Com Teu Divino Amor,
Deste Tabernáculo,
Celeste Prisioneiro,
Nós Te daremos o coração,
O coração todo inteiro.

Vem e bane o demônio
Que por nosso dano se empenha,
Vem e a planta tenra

Cresce no Teu belo Coração,
Cresce a Tua semente,
Divino Agricultor.¹²⁹

Como podemos ver, trata-se de um hino que aponta elementos de entrega e confiança nas mãos do Senhor. Aníbal Maria lhes fez ver que é possível que o “Senhor dos senhores” habitasse em meio às suas dores, caminhasse em sua estrada, ressignificasse suas esperanças e alimentasse os seus corações com o desejo da eternidade. O solene momento prosseguiu com um hino de alegria, recitado quando a “Sagrada Vítima”, na espécie do pão e do vinho, foi erguida pelo sacerdote. O hino foi escrito pela senhora Jensen, grande colaboradora de santo Aníbal Maria nos primórdios dos trabalhos em Avignone, e corrigido largamente pelo mesmo. Depois da santa comunhão ele fez um discurso próprio para a ocasião, fazendo com que todos percebessem a graça que aquele pobre local recebia por tornar-se o palácio real do “Rei dos reis”, por ter em seu meio aquele no qual tudo fora criado, o Redentor de toda a humanidade, e o quanto lhes era dever tornar-se para Ele boas companhias, assim como teria Ele todo o cuidado com cada um daqueles que estavam sob seu reinado.

A seguir, a sagrada hóstia foi colocada em um ostensório de prata, doado por uma senhora que no ano anterior havia passado por Messina. Imediatamente seguiram em procissão com o Santíssimo Sacramento, que saindo da igreja, passou pelas ruelas daquele mísero local, e entrou na estrada pública da cidade. Diante do Santíssimo iam as crianças com velas acesas e atrás toda a multidão de pobres que adoravam o seu “Rei e Senhor”. Depois de um breve caminho a procissão retornou e o Santíssimo Sacramento foi colocado em um trono. A exposição durou o dia inteiro, com belas velas a iluminar o altar, com cânticos, orações, com a presença das crianças e de todo o povo que foi ininterrupta. Nesse dia não se acendia o fogo para cozinhar e todos se alimentavam apenas de pão, para poder dedicar toda a sua atenção ao “Pão Vivo descido do Céu”. A tarde aconteceu a solene bênção do Santíssimo e assim concluiu-se a memorável jornada.¹³⁰

As festividades por essa graça se estenderam por vários dias, de quinta-feira até o domingo seguinte, de modo que as crianças também pudessem se divertir.

¹²⁹ TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 564-565. [TN].

¹³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 566-567.

Em uma das ruelas do *Quartiere* foi colocado um pequeno púlpito, onde os meninos, vestidos de clérigos, recitaram pequenos discursos em honra da vinda de Jesus Sacramentado e o mesmo se fez na ala das meninas. No domingo as duas comunidades de órfãos e órfãs se encontraram para o almoço nas mesmas estradinhas, cada uma diante das casas em que residiam, com brindes de ocasião e santa alegria. À tardinha novos discursos e tudo concluiu-se com a solene bênção do Santíssimo.

Agora a Obra estava toda entregue ao Autor de todos os bens. E não podemos deixar de mencionar que, como o 1º de Julho precedia a festa da Visitação de Maria, vieram espontâneos que aos louvores e homenagens tributados ao “Sumo Bem Sacramentado”, se unissem às homenagens a sua “Santíssima Mãe”, e que Ela fosse considerada como aquela que, com a sua potente intercessão, tenha obtido a graça da vinda de seu Divino Filho no Sacramento. Assim, também cantou-se um hino à Santíssima Virgem, o qual não temos o registro. O jovem sacerdote ainda tratou de comunicar oficialmente a todos os seus benfeitores e sabe-se pelo jornal semanal *La Luce*, de 14 de agosto de 1886, que durante o mês foi feito um novenário de agradecimento no *Quartiere*.¹³¹

2.3.3. A perenidade da festa de 1º de Julho

A narrativa feita acima sobre a vinda de Jesus Sacramentado ao *Quartiere* Avignone fora escrita por Aníbal Maria para o povo em geral. No entanto, ao dirigir-se aos seus religiosos e religiosas para referir-se a esse acontecimento dirá que sem a presença permanente de Jesus Sacramentado a Obra se perderia. Com sua permanência plantava entre os seus o seu Reino. Como vimos acima, era como o “Bom Pastor” entre as suas ovelhas, para formar a pequena grei que a Ele confiada deveria ser por Ele mesmo pastoreada e, por isso, poderia viver sem temor. Veio como o “Divino Agricultor” cuidar de sua pequena planta, em cujo germe, sepultado na terra das provas e mortificações, estava escondido a pequena semente do seu divino Rogate. Veio como “Pai Amorosíssimo” entre os seus filhos, para formar uma pequena família, que vivesse de sua Carne e de seu

¹³¹ Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 567.

Sangue, e fosse capacitada, por sua real presença no Sacramento, a recolher de seus divinos lábios o mandamento do divino zelo do seu Coração: *Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam.*

Com a vinda de Jesus Sacramentado, a Pia Obra, na pessoa de seus primeiros componentes, despontou menina, nasceu como uma pequena caravana, para começar uma árdua peregrinação, sempre confortada pela verdadeira “Arca da Aliança”, que contém o verdadeiro Pão descido do Céu. Jesus no Sacramento foi sempre o condutor, o sustento, a ajuda e o “tudo” dos Institutos de Aníbal Maria. Naqueles tempos parecia que a penúria sufocava a Obra e sempre que se recorria ao “Divino Fundador” o horizonte se clareava. Jesus era providência e saúde. É o próprio Aníbal Maria quem narra que em determinada ocasião, em que a Obra parecia se perder, escreveu uma súplica e a depositou embaixo do tabernáculo, reafirmando a entrega de toda a Obra aos seus cuidados. Jesus Sacramentado o escutou e os caminhos eram cada vez mais iluminados, contando sempre com as graças e providências divinas.¹³²

Foi desejo do fundador que essa data se tornasse perpetuamente solene em suas Obras. Escutemos o que ele nos diz: “[...] um acontecimento assim feliz, e que tão boa impressão deixou no espírito dos envolvidos, deve anualmente ser recordado. Daí nos vem uma comemoração anual, a cada 1º de julho [...]”.¹³³ Entendia que o fervor dessa primeira experiência poderia se perder na memória de suas Obras, por isso, motiva seus filhos e filhas a celebrarem anualmente a vinda de Jesus Sacramentado à Pia Obra: “Se aproveita dessa ocasião para dar lugar a uma comoventíssima e pia função, que é tirar inteiramente o Santíssimo Sacramento, e renovar assim o desejo da espera”.¹³⁴ A esta remoção de Jesus Sacramentado santo Aníbal chama de “função do tabernáculo vazio”. Ele recomendava que nesse dia as partículas que se encontrassem no tabernáculo já fossem resumidas para que pudessem ser todas consumidas na celebração. Os vasos sagrados deveriam ser purificados, cobertos e deixados sobre o altar. Nesse momento a lâmpada do sacrário deveria ser apagada.

Após essa função o celebrante deveria fazer um discurso que falasse ao coração dos presentes, trazendo questionamentos como: “Onde está o nosso

¹³² Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1914-1927), v. 6, p. 396-399.

¹³³ TUSINO, T., Memorie biografiche, v. 1, p. 571. [TN].

¹³⁴ Ibid., p. 571. [TN].

Tesouro? Onde está o nosso infinito Bem?”. Queria que refletissem sobre a importância de ter Jesus Sacramentado em seu meio e qual diferença seria não tê-lo. O discurso sempre se concluía com o pequeno verso “Céus dos Céus, abri-vos”. Terminada a missa e o agradecimento pela comunhão, o oratório começava a ser reconstruído novamente. Na comunidade aqueles serão dias de espera pela vinda de Jesus Sacramentado. No entender de santo Aníbal Maria, com aquele gesto, as almas mais fervorosas e inteligentes no espírito sentir-se-iam em luto. Duas ou três vezes ao dia dever-se-ia entrar no oratório para repetir o canto: “Céus dos Céus, abri-vos” junto a recitação de uma oração. Todos repetiam com frequência a oração: “Vem, Jesus salvador, vem. Vem, não mais tardeis”. Aos preparativos externos juntava-se a purificação das consciências para esse grande dia.¹³⁵

Dentre as preparações para celebrar a vinda de Jesus Sacramentado para a Pia Obra, uma tinha especial lugar no coração do fundador: a escolha do título em honra do Senhor. Tratava-se de um título anualmente novo, com o qual se saudava o Verbo feito homem que retornava Sacramentado em meio aos pobres. O título foi dado pela primeira vez em 1887, no primeiro aniversário da memorável data. Cada ano, no dia 1º de maio, ao término da santa missa, o novo título, esperado por todos com ansiedade, era anunciado pelo Pai Espiritual da Obra. O anúncio era feito com dois meses de antecedência para que se tivesse tempo de preparar os sermões para a data esperada. Na ocasião também se revelava o título dado à Nossa Senhora, sempre análogo ao do Senhor, com o mesmo objetivo de preparar à doce Senhora os discursos para o dia da festa. Os títulos também rendiam dois novos hinos anuais, para honrar Jesus e Maria. Durante alguns anos a escolha dos títulos também estendeu-se aos principais patronos da obra.¹³⁶

Após todas as preparações, a santa missa, a comunhão, o dia de adoração, os fervorosos sermões e o revigoramento da fé nos corações, o dia 1º de julho de cada ano era celebrado com grande alegria e amor. No dia seguinte, quando comemorava-se a festa da Visitação, os festejos eram dedicados à Virgem Santíssima, com todas as honras merecidas à Mãe do Senhor. No domingo, a festa era encerrada com um almoço festivo no *Quartiere Avignone*. Até 1908, quando aconteceu o devastador terremoto na cidade de Messina, à cabeceira da grande

¹³⁵ Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 571.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 573.

mesa que reunia todos os pobres, estava sentado, ao lado do fundador, Francesco Zancone, o pobre que lhe abriu as portas de Avignone. O domingo era repleto de discursos, homenagens e hinos a Jesus e a Maria. Não faltavam jogos e brincadeiras que alegravam as crianças. Lembramos ainda que, através dos meios de comunicação disponíveis, todos eram convidados à participarem desse solene momento de adoração em Avignone.¹³⁷ Santo Aníbal Maria deixou claro que a festa era de primeira ordem em seus Institutos, vejamos suas palavras:

Esta festividade, como já se conhece, é de primeira ordem em toda a nossa Pia Obra dos interesses do Coração de Jesus (cf. Fl 2,21). É um tributo anual de amor e de fé que toda a Obra, em todos os seus singulares membros, e em todas as suas Casas da maior à menor, oferece ao adorável Sumo Bem Jesus Sacramentado como centro de todos os amores, de todos os serviços, de todas as expiações, de todos os agradecimentos, de todas as súplicas e orações, de todas as práticas de piedade e as santas esperanças da Pia Obra; como fonte de todas as graças, de todas as misericórdias, de todos os celestes favores do divino Coração de Jesus, presentes, passados e futuros para toda esta Pia Obra e para todos quantos vos pertenceram, vos pertencem e vos pertencerão. É um débito de gratidão pela amorosa e dulcíssima morada de Jesus Sacramentado em meio a nós, de dia e de noite, não obstante todas as nossas misérias e infidelidades, não obstante tantas vezes a lânguida fé, a não plena e pronta correspondência ao seu amor, às suas inspirações.¹³⁸

Hoje a festa contínua sendo de primeira ordem nos Institutos de Aníbal Maria. Rememoram a festiva data de 1886 em tom de ação de graças pela vinda e permanência de Jesus Sacramentado em meio a “pequena caravana” e é momento importante para que cada membro intensifique o primado do Verbo Encarnado em sua vida e consagração, tendo-O como verdadeiro e imediato Fundador das obras nascidas de seu Coração em Avignone. Desde 1937 não foram dados novos títulos a Jesus Sacramentado, mas, Ele reina nas obras com o título perene de “Divino Triunfador”, o que compendia os títulos dos cinquenta anos e dirige a atenção para as vitórias e triunfos do Senhor em sua Obra ao longo da história.¹³⁹ Enfim, tratar do “1º de Julho” é dirigir o olhar para a centralidade da eucaristia na vida e nas obras de santo Aníbal Maria, pois foi diante da eucaristia que o jovem Aníbal recebeu a inspiração carismática e o chamado ao sacerdócio. Foi a partir da eucaristia que sua intensa caridade tornou-se o berço onde fora depositado o carisma do Rogate. Na eucaristia encontrou o sustento de seus Institutos em meio

¹³⁷ Cf. TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 1, p. 574-575.

¹³⁸ DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti (1914-1927)*, p. 407-408. [TN].

¹³⁹ Cf. TUSINO, T., *op. cit.*, p. 577-578.

a todas as dificuldades enfrentadas. Veremos que estamos tratando de um “homem eucarístico”.

2.3.4. Santo Aníbal Maria, um homem eucarístico

Santo Aníbal Maria viveu em torno da eucaristia e se tornou um homem eucarístico. Sua vida demonstra que as longas horas de adoração eucarística foram tempos de verdadeira intimidade com Cristo, foram caminho de conformação ao Bom Pastor, foram sustento para que sua vida alimentasse uma multidão de pessoas que vivia errante como ovelhas sem Pastor. O jovem suplicante pelos bons operários tornou-se ele mesmo, aos pés de Jesus Sacramentado, pão a alimentar a fome de seu povo, operário a consumir-se pela salvação de sua gente. A oração pelas vocações, a oração pelos santos sacerdotes, traduzia seu ímpeto de amor por Jesus Cristo, por assumir para si os interesses do Coração do Amado, por compreender que a eucaristia era o verdadeiro alimento que poderia saciar no povo a fome de eternidade, antecipando já na terra o Reinado de Deus.¹⁴⁰ Aníbal Maria beijou no pobre o Cristo que adorava na eucaristia, e com Cristo, se fez para estes alimento de vida.

Em torno da eucaristia destacamos três aspectos da vida do fundador: o Rogate, a sua Vocação e as suas Obras. Sabemos que a intuição de rezar pelas vocações que teve ainda jovem, e que depois confirmou-se nas palavras evangélicas de Mateus e Lucas, nasceu diante da eucaristia, antes mesmo de maturar sua vocação sacerdotal.¹⁴¹ O jovem Aníbal, com a autorização de seu orientador espiritual, fazia a comunhão cotidiana, assim como visitava cotidianamente o Santíssimo exposto nas adorações das Quarenta Horas. Como vimos no início desse capítulo, foi na Igreja de São João de Malta, diante do Santíssimo, que o Senhor lhe confiou o carisma ao qual dedicou toda a sua vida:

¹⁴⁰ Para adentrarmos um pouco mais em seu amor pela eucaristia e pelos sacerdotes, podemos buscar referências em seus escritos, onde de maneira clara e insistente falará do infalível remédio deixado por Jesus Cristo para salvar a humanidade: rezar pelas santas vocações, ter santos sacerdotes dedicados em saciar a fome do povo e salvar suas almas. Santo Aníbal Maria se empenha em mostrar que essa oração pode e deve ser rezada por todos aqueles que são atingidos pela falta dos santos operários, uma oração que no seu entender, fora rezada pelo próprio Senhor e que por isso a recomendou a seus discípulos. Recomendamos: DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 50, p. 61-64.

¹⁴¹ Cf. VITALE, F., *Il Canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere*, p. 42; Cf. TUSINO, T., *L'anima del padre*, p. 111.

“Sobre o Rogate não digamos nada [...] se dedicou a ele, por zelo ou fixação, ou por uma e outra coisa”.¹⁴² Um outro momento de fundamental importância foi o chamado ao sacerdócio. Ele confiou ao Padre F. Vitale que sua vocação não foi ordinária, mas teve qualquer coisa de sobrenatural:

Uma noite, enquanto rezava, sentiu forte impulso na alma de consagrar-se todo ao Senhor, de imolar-se a Ele, de não entreter-se mais com o mundo. Então, durante o dia, correu à igreja onde estava exposto o Diviníssimo em forma das Quarenta Horas, e lá colocou-se a repetir a Jesus Sacramentado: *Loquere, Domine, quia audit servus tuus!*¹⁴³

Como vimos sua vocação definiu-se diante de Jesus Sacramentado e teve três características: improvisa, irresistível e seguríssima.¹⁴⁴ Acompanhado da presença de Jesus Sacramentado, Aníbal abraçou o chamado de Deus ao sacerdócio. Ainda como diácono, após encontrar com o pobre F. Zancone mendigando nas ruas de Messina, foi à Avignone e faz da “terra maldita” o local de sua entrega ao Senhor, consagrando esse lugar e todos os seus moradores a Jesus Sacramentado, como vimos nos relatos das festividades do 1º de Julho. Deter-se nas letras dos hinos para a festividade é contemplar o amor do fundador à eucaristia, que era para ele a base de todos os seus pensamentos e afetos. Podemos dizer que os hinos são uma espécie de código, através do qual, ele fez transparecer a nota dominante da sua vida: o amor pelo Santíssimo Sacramento, centro de toda devoção e de toda atividade da Obra.¹⁴⁵ A vida eucarística de Aníbal Maria era belíssima e fez-se herança para seus filhos e filhas. Eis o que vemos em seus escritos:

Seja Jesus Sacramentado para todos os componentes da Pia Obra, e para quantos convivem com eles, a mística colmeia, em torno da qual esses giram e giram, e dentro da qual repousam e formam o dulcíssimo mel das virtudes, que mais agradam ao paladar de Jesus Sumo Bem.¹⁴⁶

Segundo seus primeiros colaboradores, podemos dizer que o amor a eucaristia constitui sua identidade espiritual. Não obstante a grande demanda de atividades apostólicas e caritativas, fazia prolongadas horas de adoração, sejam

¹⁴² POSITIO, II, p. 317.320-321. [TN].

¹⁴³ VITALE, F., VITALE, F., Il Canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere, p. 36. [TN].

¹⁴⁴ Cf. TUSINO, T., Non disse mai no, p. 23.

¹⁴⁵ Cf. Id., L'anima del padre, p. 72.

¹⁴⁶ DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 1, p. 98. [TN].

diurnas quanto noturnas, diante de Jesus Sacramentado. Passando diante das igrejas, buscava a oportunidade de parar, mesmo que fosse por breve tempo, para uma visita ao seu “Sumo Bem”. Nos períodos de adoração públicas mantinha-se sempre de joelhos, se estivesse sozinho se prostrava por terra ou rezava de braços abertos ou em forma de Cruz sobre o peito, sempre em profundo recolhimento. Quando saía da adoração ou do agradecimento da missa, parecia transfigurado. Às vezes, era visto de joelhos por quatro ou cinco horas consecutivas diante do Santíssimo. Na festa do 1º de Julho passava todo o dia em adoração. Quando estava em casa, as visitas ao Santíssimo eram frequentes e prolongadas. Saindo de casa e também quando voltava, passava na capela para visitar Jesus, e deixou isso como prática nos regulamentos de suas comunidades. Antes de dormir, após sua cansativa jornada, enquanto todos se retiravam, ele continuava por muito tempo na capela. Nas dificuldades da Obra e das pessoas recorria a Jesus Sacramentado e com Ele passava longas horas de suas noites. São numerosas e apaixonadas as suas súplicas dirigidas a Jesus Sacramentado. Seus discursos sobre Jesus Sacramentado sempre eram ricos e tocavam o coração de quem ouvia, parecia que via o Senhor.¹⁴⁷

Como vimos, a eucaristia é o centro da obra de santo Aníbal Maria. Trata-se de Institutos eucarísticos, cuja espiritualidade e obras se alicerçam na eucaristia.¹⁴⁸ A eucaristia é o centro de todos os amores e de todos os serviços.¹⁴⁹ Cristo é o centro de cada ação porque é o Vivente que no silêncio “[...] sempre trabalha para a nossa salvação no grande sacramento de amor, isto é, na santíssima eucaristia”.¹⁵⁰ Ele cria, recria, acende o fogo da caridade, reina, ama, enxuga as lágrimas, escuta e responde, chama a si os pobres, educa, regenera, mantém consigo, faz crescer, conforta, consola, olha, julga, renova os milagres, se aproxima do nosso nada, se preocupa conosco.¹⁵¹

É na contemplação silenciosa, acompanhada da escuta da Palavra da fé, que o fundador descobre Jesus Eucarístico como origem de cada ação. Para ele a contemplação não é o tempo no qual se olha um pedaço de pão inanimado, mas é a ocasião para contemplar Cristo em ação. Para santo Aníbal Maria os trabalhos

¹⁴⁷ Cf. TUSINO, T., *L'anima del padre*, p. 273-274.

¹⁴⁸ Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 3, p. 17.

¹⁴⁹ Cf. Id., *Scritti*, v. 1, p. 104.

¹⁵⁰ Id., *Scritti*, v. 54, p. 97. [TN].

¹⁵¹ Cf. ZAMPERINI, A., apud: VENTRELLA, C., *Uomo eucaristico tra i poveri*, p. 25-26.

que Jesus realiza na solidão do tabernáculo são o amor, a oferecer-se ao Pai pela humanidade. Durante a contemplação a eucaristia se revela a Aníbal Maria como ação de caridade.¹⁵² Em um discurso em Ória, no ano de 1910, exortava a todos apontando para as origens da Obra de beneficência e de sua dependência da eucaristia:

A Pia Obra de beneficência (pobres e órfãos) e de religião (Filhas do Divino Zelo e Rogacionistas) que iniciou-se a tantos anos em Messina para a salvação dos Órfãos e das Órfãs abandonadas, para a evangelização e o socorro dos pobres, e para as várias religiosas e humanitárias propagandas, [...] teve sempre, desde os seus primórdios, uma particular característica, um particular motivo, um culto predominante ao Santíssimo Sacramento do altar. Em cada Casa desta Obra, em cada Orfanato que se abre, em cada residência das irmãs ou dos sacerdotes, Jesus Sacramentado é o centro. [...] Nestas Instituições não se poderá conceber existência, desenvolvimento, incremento, realização da própria missão sem a real presença do Deus Sacramentado.¹⁵³

A centralidade da eucaristia está também em suas obras de beneficência e em suas ações socioeducativas. Podemos dizer que a eucaristia foi a fonte de onde vieram as inspirações para seu agir e para o agir de seus Institutos ao longo dos anos. “Da real presença de Jesus Sacramentado parte todo aquele bem que os pobres, jovens, órfãos ou anciãos, receberam para a sua educação, para a sua instrução e para o seu bom êxito moral e civil”.¹⁵⁴ A presença eucarística entre os pobres antecedeu sua presença nas casas religiosas, aliás, vimos que os Institutos de Aníbal Maria nascerem em torno da eucaristia no *Quartiere* Avignone. Para o fundador a eucaristia é o sacramento do amor e Cristo o modelo para quem quer responder ao carisma do Rogate e para quem quer dedicar-se aos pobres. As Instituições iniciadas por Aníbal Maria nascem da eucaristia, do amor de Jesus para com os homens. Não é possível imaginar suas obras e seu carisma desvinculados do Amor feito alimento para messe cansada e abatida de todos os tempos.

Encerramos aqui nossa apresentação sobre a eucaristia na vida de santo Aníbal Maria, apontando para a importância e o amor que o fundador teve a Jesus Sacramentado e como essa herança espiritual sustenta ainda hoje seus filhos e filhas espirituais. Na sequência do capítulo, trataremos daquela que é para Aníbal

¹⁵² Cf. ZAMPERINI, A., apud: VENTRELLA, C., Uomo eucaristico tra i poveri, p. 26.

¹⁵³ DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 54, p. 85. [TN].

¹⁵⁴ Ibid., p. 87-88. [TN].

Maria a Senhora e Mãe da Rogação Evangélica, a “Rainha” de todas as suas obras, Maria Santíssima.

2.4.

A devoção mariana na espiritualidade de santo Aníbal Maria

2.4.1.

A formação mariana de santo Aníbal Maria

A espiritualidade cristã, desde os seus primórdios conta com a presença de Maria. João e Lucas trarão à tona, por meio de seus escritos, a espiritualidade mariana.¹⁵⁵ No século IV, o diácono Efrém falará muitas vezes da Virgem Maria.¹⁵⁶ No tempo de Carlos Magno (742-814) se honra Maria por sua virgindade e assunção.¹⁵⁷ Nos séculos X e XI, quando a Igreja se encontra nas mãos dos leigos e o clero em uma profunda carência de formação espiritual, florescem as orações à Virgem e aumentam as festas marianas.¹⁵⁸ Para São Bernardo (1090-1153), a mediação de Maria ajudará a alma a elevar-se ao amor supremo.¹⁵⁹ Ainda no século XII encontraremos muitas manifestações de devoção a Cristo e de piedade mariana. No século XIII surgem os carmelitas, cuja regra foi composta por Alberto de Jerusalém. Esses venerarão a Santíssima Virgem, cujo escapulário propagarão.¹⁶⁰ Enfim, podemos ver que ao longo da história da espiritualidade, a Mãe de Jesus tem um destaque especial na trajetória da Igreja.

O século XIX também nos traz grande influxo da espiritualidade mariana, principalmente sob o manto da devoção. Santo Aníbal Maria, que se alimentou, dentre tantos outros, dos escritos de santo Afonso de Ligório e de São Luís Grignon di Montfort, tinha impresso em sua alma, e conseqüentemente em suas obras e fundações, o espírito mariano. Desde o nascimento compreendeu que fora confiado aos cuidados maternos da Mãe do seu Senhor. Seus pais, em testemunho de amor à Santíssima Virgem, deram a todos os filhos, como segundo nome, o nome de Maria. No entanto, com o pequeno Aníbal, ocorreu um fato diferente. No ato do batismo, e nos registros batismais, o nome de Maria vem como primeiro

¹⁵⁵ Cf. GUERRA, A., História da espiritualidade, p. 492.

¹⁵⁶ Cf. Ibid., p. 496.

¹⁵⁷ Cf. Ibid., p. 498.

¹⁵⁸ Cf. Ibid., p. 499.

¹⁵⁹ Cf. Ibid., p. 500.

¹⁶⁰ Cf. Ibid., p. 501.

nome, chamando-se assim, Maria Aníbal. Ele muito alegrava-se com esse fato, sentia-se profundamente amado por sua Mãe e Rainha e dizia:

De tal maneira queria Nossa Senhora fazer-me entender que me prendia sob a sua particular proteção, pois do contrário me perderia! [...] Penso que o diabo deve enraivecer-se, quando a Virgem permitiu aquele equívoco porque queria dar-me seu nome!¹⁶¹

A cultura do século XIX que se move entre restauração, romanticismo e liberalismo, foi permeada por uma forte instância restauradora¹⁶² que orienta a reedição de obras marianas de um certo valor e favorece uma síntese da doutrina mariológica.¹⁶³ Neste século foram publicados vinte e seis tratados de mariologia que manifestam a tendência desta doutrina a constituir-se em sistema científico, tratando de Maria como um complemento ou apêndice da cristologia. Em 1843 foi publicado o “*Tratado da verdadeira devoção a Maria*”, de São Luís Maria Grignon di Montfort, que conheceu um sucesso extraordinário e duradouro, seja pela inspiração mística que pela impostação cristocêntrica, eclesiológica e trinitária de sua doutrina.¹⁶⁴

Estamos tratando de um século de grandes aparições marianas: a Medalha Milagrosa, em 1831; Salette, em 1846; Lourdes, em 1858; e Pontmain, em 1871. Foi o século da definição do dogma da Imaculada Conceição, com Pio IX, em 1854. Segundo os cânones da corrente romântica, o século XIX, em diversos níveis, valorizou o sentimento. Gioacchino Ventura, famoso teólogo e pregador, fundador da enciclopédia eclesiástica e moral, definiu o culto à Maria como “uma espécie de instinto religioso, um movimento indeliberado, uma necessidade do coração”¹⁶⁵. A presença de Maria incidiu fortemente nas obras de caridade e beneficência promovidas pelas Ordens e Institutos religiosos e, em geral, no empenho social. Sejam as novas famílias religiosas ou as antigas reformadas, exprimiam a sua devoção mariana. Depois da revolução francesa, surgem cento e cinquenta Institutos femininos que portam uma denominação mariana e fazem parte das cerca de setecentas nascidas nos séculos XIX e XX.¹⁶⁶ O mariólogo

¹⁶¹ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 10. [TN].

¹⁶² Cf. DE FIORES S., Maria sintesi di valori: storia culturale della mariologia, p. 284-288.

¹⁶³ Cf. DA CASTELPLANIO, L., Maria nel consiglio dell’Eterno, ovvero la Vergine predestinata alla missione medesima con Gesù Cristo, p. 284-288.

¹⁶⁴ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 12.

¹⁶⁵ DE FIORES, S., op. cit., p. 297. [TN].

¹⁶⁶ Cf. KOEHLER TH., Storia della mariologia, p. 1399.

monfortiniano, Stefano De Fiores, diz que: “[...] em um plano mais formativo e promocional se colocam tantos sacerdotes e leigos, homens e mulheres, fundadores e fundadoras de institutos religiosos que geralmente trazem um nome mariano”.¹⁶⁷ Sabemos que entre esses fundadores está Aníbal Maria com a sua vida e suas obras carismáticas e caritativas.¹⁶⁸

Santo Aníbal Maria nasceu não apenas em um século mariano, como em uma família mariana, da qual herdou desde o princípio o dom da devoção e do filial afeto à Virgem Santíssima, principalmente por meio de sua mãe, a senhora Anna Toscano. Padre F. Vitale nos diz:

A julgar pelo tanto do que fez em vida pela sua Mãe Celeste, do quanto a amou, do filial e terno meio com o qual a Ela recorria nos momentos de angústia e de dor, e do quanto escreveu em prosa e verso em sua honra, não podemos duvidar que a Virgem Santíssima lhe infundiu, desde a mais tenra idade, uma singularíssima devoção a Ela, que lhe deu toda a graça necessária para manter imaculada a estola da inocência.¹⁶⁹

Temos fortes marcas da presença de Maria em sua trajetória, dentre as quais destacamos sua entrada no colégio de São Nicolau junto aos cistercienses em 1858, onde a devoção à Imaculada foi fortalecida através da orientação do Padre Ascanio Foti; a vestição do hábito eclesiástico na igreja de São Francisco que deu-se no dia da Imaculada, em 08 de dezembro de 1869; o início de sua carreira na oratória com um panegírico sobre Maria Santíssima da Providência na igreja de São Nicolau em 16 de janeiro de 1870; quando recebeu a tonsura e as primeiras ordens menores, no dia da festa do Nome Santíssimo de Maria, na capela do Palácio Episcopal de Messina em 1872; lembramos também a publicação do novenário em honra a Maria Santíssima com o título de *Stella Mattutina* em 1875; a pregação do mês de maio de 1876 na igreja de S. Maria da Providência durante a qual introduziu em Messina a devoção à Nossa Senhora de Lourdes; a ordenação diaconal recebida na igreja do Mosteiro de Montevergine, no dia 26 de maio de 1877; a ordenação sacerdotal na igreja de santa Maria do Espírito Santo, em 16 de março de 1878; e a aparição de Maria Menina, em 31 de maio de 1927, antecedendo sua páscoa definitiva.¹⁷⁰

¹⁶⁷ DE FIORES, S., Maria sintesi di valori: storia culturale della mariologia, p. 304; Id., Storia della mariologia, p. 1665. [TN].

¹⁶⁸ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 13.

¹⁶⁹ VITALE, F., Il canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere, p. 8. [TN].

¹⁷⁰ Cf. SARDONE, A., op. cit. p. 11-12.

A formação e a devoção mariana de santo Aníbal Maria também foram determinadas e influenciadas pelos livros sobre Nossa Senhora mais difundidos em seu século: o texto em oito volumes “*A mística cidade de Deus*”, da venerável Irmã Maria de Jesus, abadessa do Mosteiro das Concepcionistas de Ágreda (1670); “*O mês de Maria ou de Maio*”, do jesuíta Alfonso Muzzarelli, de 1875; “*Os quinze sábados do Santíssimo Rosário*” de Bartolo Longo, de 1877.¹⁷¹ Segundo T. Tusino, outras obras marianas que Aníbal Maria estudou na sua juventude foram: “*A Mãe de Deus*”, de Padre Gioacchino Ventura; “*O mês de maio dos pregadores*”, de grande valor porque ao final de cada prédica trazia um apêndice patrístico sobre a mariologia; “*Maria no Conselho do Eterno*”, obra em três volumes de Padre Ludovico da Castelplano, dos frades menores; “*Aos pés da Cruz*”, de Padre Faber; seguido daqueles livros que sempre tinha em mãos: “*As glórias de Maria*”, de santo Afonso; “*O tratado da verdadeira devoção a Maria*”, de são Luís Grignon di Montfort; “*A mística cidade de Deus*”, da venerável D’Ágreda; e a “*História dos santuários marianos em todo o mundo*”, obra em doze pequenos volumes.

2.4.2.

A devoção mariana em seus escritos e pregações

Santo Aníbal Maria tinha um profundo conhecimento da história religiosa de Messina, por isso sentia vivíssimo no coração o amor pela sua cidade, tão rica de memórias sacras, uma espécie de santuário mariano. Colocou esta cultura a serviço do seu ministério ao exaltar a Virgem nas numerosas pregações que fez aos fiéis e nas cotidianas conversações familiares com seus filhos e filhas. Santo Aníbal tratou Maria conforme a mariologia do seu tempo, não em termos de rigor científico, mas, sempre guardou a ortodoxia da doutrina, de maneira popular, como pedia o espírito pastoral de quem falava ao povo fiel. Ele anunciou as verdades sobre a Virgem segundo a teologia, a tradição, a história e os ensinamentos dos santos.

O nome de Maria teve particular espaço em suas pregações e escritos. Certa vez assim dirigiu-se ao povo que o escutava:

¹⁷¹ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere alla Madonna, v. 3, p. 13-14.

Beato e mil vezes beato quem tem a graça de trazer um nome assim augusto, porque Maria lhe dará graças especiais: eu exorto todos os pais e as mães de família de colocar em seus filhinhos este nome, e eu tenho a graça de tê-lo por primeiro nome, o nome de Maria. A minha santa mãe, de feliz memória, era devotíssima deste Nome e por isto o colocava em todos os seus filhos.¹⁷²

O amor e a devoção à Virgem Santíssima, expresso particularmente nas orações à Ela dirigidas, direcionou o espírito de oração que caracterizou a vida e o itinerário de santificação de Aníbal Maria. Padre F. Vitale escreveu: “Se o Senhor nos conceder a graça de publicar as orações e os escritos espirituais do Padre, se terá uma ideia mais adequada deste espírito de oração”.¹⁷³ Para Aníbal Maria era como uma necessidade natural rezar e escrever as orações. Não passava um dia sem que ele escrevesse.¹⁷⁴ As suas orações revelam o abandono em Deus e a grande confiança na intervenção divina sobre as questões humanas, sobre as necessidades espirituais e materiais da Obra, e no caso das orações à Virgem Santíssima, manifestam uma total confiança nela e na potência de sua intercessão.¹⁷⁵

Ele mesmo relaciona os títulos a partir dos quais deveria fazer as novenas à Santíssima Virgem: Maria Menina, Maria Imaculada, Mãe de Deus, Menina Imperatriz, divina Menina Maria, Mãe das Dores, Virgem das Bodas de Caná, Virgem da Gruta de Belém, Virgem Assunta, Virgem de Lourdes, Virgem das Vitórias, Coração Imaculado de Maria, Virgem de Pompeia, Mãe do Coro em Agreda, Senhora de Salette, Virgem da Carta, Veloz Ouvinte, Virgem da Fonte, Virgem da Vena, Virgem do Poço, Virgem das Graças, Virgem da Misericórdia, Virgem Estrela Matutina, Virgem Auxílio dos Cristãos, Virgem de todas as Aparições, Virgem de todos os Títulos, Virgem de todos os Santuários, Virgem da Audiência, Virgem Desolada, Virgem do Reparo, Virgem dos Títulos do Primeiro de Julho.¹⁷⁶

O manual das orações e práticas de piedade em uso nos Institutos contém desde 1913 a explícita dedicação à Virgem Maria:

Ao teu potente Patrocínio, ó mística Rolinha de Deus, Imaculada Virgem Maria, que nunca cessaste em vida de gemer diante do Altíssimo por todos, e nunca paraste de orar por nós, lá em cima nos Céus, nós confiamos confiantes e

¹⁷² VITALE, F., *Il canonico Annibale Maria Di Francia nella vita e nelle opere*, p. 11. [TN].

¹⁷³ *Ibid.*, p. 582. [TN].

¹⁷⁴ *Cf. Ibid.*, p. 575.

¹⁷⁵ *Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere alla Madonna*, v. 3, p. 4-5.

¹⁷⁶ *Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti*, v. 9, p. 26-27.

reverentes esta humilde coletânea de orações e de devotas práticas de piedade, para que, do teu celeste hálito celestial, nunca faltem nas Casa desta Pia Obra, e por Ti entrem no Divino Lado, para obter sempre graças e misericórdias para nós e para todos, da divina Bondade do Coração Santíssimo de Jesus. Amém.¹⁷⁷

Segundo A. Sardone, responsável pela introdução do volume revisado e editado das orações marianas de Aníbal Maria, são muitos os temas tratados nas orações a Maria sob os diversos títulos e nos vários tempos litúrgicos e festas marianas. O santo messinense confiou à Maria as necessidades gerais da Igreja, as necessidades de todas as suas Obras, o pedido pela conversão do coração, o perdão de todos os pecados e uma frutuosa penitência, o pedido pela santificação, a graça da vocação à vida consagrada. Invocou Maria para pedir as virtudes da prudência, da humildade, o dom do conselho, as graças particulares, para exprimir gratidão, pedir sustento frente às tentações das falsas doutrinas, para obter a perfeita união com Cristo, para a “Santa Escravidão de Amor”. Não deixou de rezar à Virgem pelas necessidades das pessoas: pela saúde dos enfermos, a boa formação dos clérigos, a santificação da superiora e das irmãs, pelas órfãs, a vinda de um bispo santo, as necessidades de um sacerdote, a libertação das almas do purgatório, o bom êxito dos alunos, a admissão no Instituto de aspirantes e postulantes, a admissão à profissão religiosa e pelos religiosos Rogacionistas empenhados no serviço militar.¹⁷⁸

As orações também se referem às necessidades concretas, materiais e espirituais, da Obra: pediu o pão de cada dia, a extinção de suas dívidas, os urgentes socorros econômicos, o sustento e o conforto, o incremento e a estabilidade da Obra, o incremento da padaria, o bom andamento dos orfanatos, o auxílio ao tomar decisões importantes. Apresentou nas orações as necessidades do mundo e de situações históricas: o bem espiritual da França, o fim da guerra e a vinda da paz, a libertação dos terremotos. Era notável o valor dado ao santo Rosário, recomendado pelo fundador como meio seguro de devoção mariana e de salvação eterna. A prática das peregrinações espirituais aos santuários marianos de Salete e de Nossa Senhora do Pilar, também tiveram suas orações.

Maria foi invocada como *Stella Matutina* (5), Imaculada (60), Menina (28), Rainha dos Anjos (8), Assunta (5), no mistério de sua Natividade (6), Senhora do

¹⁷⁷ ROGAZIONISTI, Preghiere giornaliere ad uso dell' Orfanotrofio Antoniano maschile, p. 4. [TN].

¹⁷⁸ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 20-21.

Rosário (10), Senhora da Carta (10), Dolorosa (7), da Itria, da Humildade, Mãe da Igreja (2), das bodas de Caná, Senhora de Pompeia (6), de Tindare, de Salette (10), de Lourdes (3), do Perpétuo Socorro, de Pilar (2), do Carmo (3), do Bom Conselho (3), de São Sisto, da Vena, dos Milagres, Rainha do céu e da terra (7), das Graças e Branca Rainha do Lazio.¹⁷⁹ Destacamos ainda os títulos que Nossa Senhora recebeu por ocasião da celebração anual de ação de graças pela vinda de Jesus Sacramentado no *Quartiere* Avignone. Lembramos que na data de 1º de Julho todas as homenagens eram feitas a Jesus Eucarístico, sendo o dia 02 dedicado à homenagear Maria, a Mãe do Senhor, com o título, os hinos e os sermões carinhosamente preparados pelo fundador.¹⁸⁰

2.4.3.

Particularidades da devoção mariana de santo Aníbal Maria

Segundo T. Tusino, o título que santo Aníbal Maria mais amou da Virgem foi o de Imaculada.¹⁸¹ Isso foi determinado pela devoção praticada em sua família, em especial por sua mãe dona Anna, como pela definição dogmática de Pio IX. Os artigos jornalísticos, as composições poéticas, as orações, as reflexões, a consagração de suas obras à Imaculada, até declarou-la “Divina Superiora”, em 08 de dezembro de 1904, para as Filhas do Divino Zelo e, 02 de julho de 1913, para os Rogacionistas, testemunham claramente a sua grande devoção. Referindo-nos a proclamação feita pelas Filhas do Divino Zelo, santo Aníbal Maria escreveu, em dezembro de 1903, uma belíssima oração para ser rezada todos os dias até a proclamação em 1904, na ocasião do cinquentenário do dogma da Imaculada, onde pedia que a Virgem se dignasse aceitar tal proclamação:

[...] se digne dar-nos a graça de denominá-la e proclamá-la Patrona, Superiora absoluta e Mãe do Instituto das Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus, para que a grande Mãe de Deus se digne aceitar a referida eleição, nomeação e proclamação que, com o divino auxílio, faremos em 8 de dezembro de 1904 - 50º aniversário da proclamação do dogma da sua Imaculada Conceição.¹⁸²

¹⁷⁹ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 21.

¹⁸⁰ Para conhecermos os títulos dado a Virgem Santíssima por ocasião da Festa de Primeiro de Julho entre os anos de 1887 e 1936, podemos consultar: TUSINO, T. Memorie biografiche. v. 1. Roma: Rogate, 1995. p. 591-592.

¹⁸¹ Cf. TUSINO, T., L'anima del Padre, p. 352.

¹⁸² DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 257. [TN].

Depois de um ano de preparação, em 8 de dezembro de 1904, no quinquagésimo aniversário do dogma da Imaculada Conceição de Maria, ele fez celebrar no Instituto feminino a solene nomeação e proclamação da “Santíssima Virgem Imaculada, como Divina Superiora, Mãe e Mestra”. O título remontava às palavras de Melania Calvat¹⁸³ ao deixar o Instituto, no ano de 1898, quando disse à comunidade: “Deixo-vos a Santíssima Virgem como Superiora; e quando quiseres abrir o vosso coração, ide a Santíssima Virgem”.¹⁸⁴ Vejamos como o Padre S. Santoro se refere a essa memorável data:

No dia 8 de dezembro, Santa Missa, cânticos, pregação. Depois da Santa Missa ele leu uma longa fórmula de proclamação, até hoje conservada, que havia preparado com o seu costumeiro estilo de devoção fervorosa. Nela as Filhas do Divino Zelo, depois de haver reconhecido diante do céu e da terra, a própria miséria, a necessidade de socorro e de uma guia celeste, acrescentavam: “Nós todas aqui subscritas, quais primícias deste Instituto, em nosso nome e de todas que virão a fazer parte dele, nos oferecemos, nos dedicamos e nos consagramos de corpo e alma, com tudo o que temos, desde agora até a eternidade, como súditas, filhas, criadas, servas e escravas da Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, e elevando as mãos ao alto... Elegemos - Nomeamos - e Proclamamos a Santíssima Virgem Maria Imaculada, Mãe de Deus, como PATRONA, MÃE, MESTRA e SUPERIORA ABSOLUTA, EFETIVA, REAL e IMEDIATA deste pequeno rebanho, de nós todas e daquelas que, no futuro farão parte deste Instituto das Filhas do Divino Zelo, e das casas, que se formarão no tempo futuro.”¹⁸⁵

Assim como Aníbal Maria reconheceu o Coração Santíssimo de Jesus como Fundador dos seus Institutos, em Maria Imaculada reconheceu a Fundadora.¹⁸⁶ Juntamente com o fundador, todas as religiosas se consagraram a Maria e experimentaram profundamente o seu amor materno.

Uma devoção mariana que inspirou santo Aníbal Maria de maneira extraordinária foi aquela a Nossa Senhora Menina, a autêntica poesia de seu coração. Cremos que esta foi muito importante em seu método pedagógico para apresentar aos pequenos e aos pobres de Avignone e às suas primeiras religiosas e religiosos o grande significado de uma autêntica devoção mediada pela simplicidade dos sinais, como fazia com o Menino Jesus. Segundo a tradição

¹⁸³ Melania Calvat é a vidente de Salette. Em 1897 ingressou no Instituto a convite do fundador, para colaborar diretamente na condução das Filhas do Divino Zelo. O tempo que precedeu sua entrada foi de profunda crise entre as Filhas do Divino Zelo. Aníbal vê esse ano como um ano de bênçãos. Podemos aprofundar essa parte da história nos capítulos 26 a 28 de TUSINO, T., *Memorie biografiche*. v. 2. Roma: Rogate, 1996.

¹⁸⁴ DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 45, p. 85-86. [TN].

¹⁸⁵ SANTORO, S., *Inizio carismatico e laborioso dell'istituto delle Figlie del Divino Zelo*, p. 53. [TN].

¹⁸⁶ Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Preghiere ala Madonna*, v. 3, p. 257.

Rogacionista, documentada por testemunha ocular do religioso Irmão Michelino Lapelosa, Nossa Senhora Menina apareceu ao fundador na manhã de 31 de maio de 1927, vésperas de sua morte, antecipando-lhe a luz e a alegria do Paraíso.¹⁸⁷

O cume da devoção mariana de Aníbal e de seus Institutos consiste sobretudo na vida de consagração à Ela através do espírito da “Sagrada Escravidão de Amor”¹⁸⁸, de acordo com o ensinamento e a espiritualidade de São Luís Grignon di Montfort, então beato e autor de duas destacadas publicações Marianas: “*O Tratado da verdadeira devoção à Maria*” e “*O Segredo de Maria*”, que como vimos, foram de grande inspiração para Santo Aníbal. Entre os anos de 1876 e 1877, com uma fórmula contida em uma novena à Imaculada, ele fez a sua consagração à Virgem como escravo. Isso o fez como espontânea declaração que lhe veio da profunda devoção à Maria, pois a devoção monfortiniana chegou na Itália somente em 1887. Em 10 de junho de 1888, depois de ter nas mãos a tradução italiana do *Tratado*, Santo Aníbal Maria fez a sua consagração com uma fórmula original que refletia a doutrina de Montfort. Porém, foi no dia 13 de maio de 1906, na igreja Maria Rainha dos Corações, dos padres monfortinianos, em Roma, que fez a sua consagração no espírito da Sagrada Escravidão e introduziu a prática nos seus Institutos.¹⁸⁹ Eis como se reporta às Filhas do Divino Zelo a respeito da consagração:

Nesta minha viagem aprendi um novo e grande tesouro da devoção à Santíssima Virgem como segredo de santidade, que abre um novo horizonte sobre a graça de pertencer à Maria Santíssima e encontrar Jesus por seu intermédio. É um sistema de devoção traçado por um grande Servo de Deus beatificado há pouco tempo e que nós conhecemos.¹⁹⁰

Padre C. Bonicelli, do Instituto monfortiniano, nos deixou o seguinte testemunho a respeito de Santo Aníbal Maria:

Tivemos a ventura de conhecê-lo em 1906. Encontrando-se em Roma, veio ao Santuário por quatro manhãs seguidas para celebrar a Santa Missa. A quarta foi

¹⁸⁷ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Preghiere alla Madonna*, v. 3, p. 17-18.

¹⁸⁸ Percorrendo os escritos de Aníbal Maria, encontramos registros, por meio de orações, discursos e exortações acerca da Sagrada Escravidão nos seguintes volumes datilografados: 1, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 15, 21, 22, 25, 26, 34, 35, 37, 40, 43, 44, 53 (Nuper Inventa [NI] 2), 54 (NI 3), 56 (NI 5), 57 (NI 6), 58 (NI 7), 59 (NI 8), 60 (NI 9), 61 (NI 10). Assim como é recolhido em catorze cartas de seu epistolário, e aparece nas narrativas de seus primeiros biógrafos e colaboradores: Teodoro Tusino e Francesco Vitale.

¹⁸⁹ Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Preghiere alla Madonna*, v. 3, p. 17; Cf. TUSINO, T., *L'anima del Padre*, p. 323-329.

¹⁹⁰ Id., *Scritti*, v. 54, p. 187; v. 34, p. 219. [TN].

também para fazer a própria consagração. Parece-nos ainda vê-lo, depois da celebração, ficar dentro do Santuário, executar o ato solene, e permanecer por algum tempo em oração com os braços abertos diante da Bela Rainha, como ele usava chamar Nossa Senhora. Depois partiu muito feliz por ter consolidado suas origens exatamente no dia dedicado à Humildade de Maria Santíssima, como designava então a data de 13 de maio no calendário da nossa Congregação.¹⁹¹

Aníbal Maria sentiu o dever de transmitir aos seus filhos e filhas esse tesouro:

Esta devoção que eu vos trago, com a ajuda do Senhor, como um tesouro de inestimável valor, será o cumprimento da realização da bela proclamação que fizemos da Imaculada Senhora como Patrona, Mestra e Superiora absoluta: é a resposta da Santíssima Virgem à nossa proclamação; e eu me alegro em anunciá-la em resposta à participação tão comovedora que tivestes no amoroso ingresso da dulcíssima Mãe e Senhora nossa [...]. Então eu me preparei com a doutrina daquele Beato que vos falei, para fazer-vos todas da Santíssima Virgem, e assim sereis todas de Jesus.¹⁹²

No ano de sua consagração na igreja monfortiniana, ao escrever sobre a essência da Sagrada Escravidão, deixou claro o entendimento cristológico proveniente de seu ato: “Toda esta escravidão volta-se a um fim último, isto é, tornar-se perfeito escravo de Jesus Sumo Bem, ou seja, fazer reinar Jesus perfeitamente em mim por meio de Maria Santíssima”.¹⁹³ Logo que retornou à Messina, Aníbal Maria começou a preparar a comunidade para a consagração, com a leitura dos livros do santo, o *Tratado da Verdadeira Devoção* e o *Segredo de Maria*. Em três de novembro anunciou que no dia cinco teria início a preparação à consagração, segundo o método previsto, durante trinta e três dias, distribuídos em três semanas, mais os doze dias da introdução, com as várias orações e práticas.

A consagração para as Irmãs realizou-se na manhã do dia 8 de dezembro de 1906, o ato de consagração foi colocado num quadro com as assinaturas, aos pés da Santíssima Virgem, a dulcíssima Patrona e Senhora¹⁹⁴ e desde então, a cada ano, Aníbal Maria fez renovar tal consagração, sempre precedida de uma significativa preparação.¹⁹⁵ O Capítulo Geral de 1974¹⁹⁶ reformulou o esquema de

¹⁹¹ BONICELLI, C., *Il Canonico Annibale Maria Di Francia*, p. 160. [TN].

¹⁹² DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 34, p. 219-220. [TN].

¹⁹³ Id., *Scritti*, v. 60, p. 15. [TN].

¹⁹⁴ Cf. Id., *Scritti*, v. 58 (NI 7), p. 147-149.

¹⁹⁵ Cf. SALEMI, T., *Con Maria Immacolata, Divina Superiora e Madre*, p. 32.

¹⁹⁶ Cf. CONGREGAZIONE FIGLIE DEL DIVINO ZELO, *Deliberazione capitulare. Capitolo generale*, 1974.

orações das Filhas do Divino Zelo e, a consagração segundo o método de Montfort, deixou de ser realizada e renovada no Instituto, já não sendo publicada, na terceira edição dos livros de oração diária das religiosas, a jaculatória da consagração que era rezada cotidianamente.¹⁹⁷

Podemos considerar Aníbal Maria como “apóstolo da devoção à Nossa Senhora de Lourdes”, pois, introduziu a devoção na arquidiocese de Messina e de Ória. Uma particular menção merece o título de Maria Mãe da Igreja, proclamado solenemente por Paulo VI no fechamento da terceira sessão do Concílio Vaticano II em 1965, e incluído na liturgia pelo papa Francisco em um decreto do dia 03 de março de 2018, cuja memória foi instituída para a primeira segunda feira após a festa de pentecostes. Aníbal Maria usou este título desde 1880 em uma oração ao Senhor para obter os bons operários¹⁹⁸ e na oração à Santíssima Virgem Maria em 1890.

Como veremos mais profundamente no próximo capítulo de nossa pesquisa, santo Aníbal entendia que sua missão em Avignone era temporária, pois sentia-se chamado à vida carmelita, para assim colocar-se diretamente na escola de Maria ao lado dos santos carmelitas que tanto venerou e dos quais tomou a espiritualidade como modelo para sua vida pessoal e para as suas fundações. Veremos que fez sua profissão como Terciário no dia 30 de agosto assumindo o nome de frei João Maria da Cruz.¹⁹⁹ Juntou a isso o desejo que o hábito de suas religiosas tivesse a cor do hábito carmelita, em honra a Virgem do Carmo.²⁰⁰

2.4.4. A “carteira de identidade” do Instituto

Toda a existência de Aníbal Maria foi marcada por um amor terno, ardente e constante à grande Mãe de Deus. Ela guiou os seus passos desde o alvorecer de sua vida e o seguiu em todas as etapas de sua formação humana e sacerdotal, na fundação dos Institutos, no seu serviço carismático à Igreja, enfim, em todos os

¹⁹⁷ “Ó dulcíssimo Jesus, nós somos vossas humilíssimas escravas e de Vossa Santíssima Mãe. Tudo o que possuímos espiritualmente e temporalmente demos e tornamos a dá-lo a Vós, agora e por toda a eternidade, por meio de Maria Santíssima, Vossa Mãe e nossa Senhora, Mãe, Mestre e Superiora. Amém.” DI FRANZIA, A. M., *Pregchiere e pratiche di pietà ad uso delle Comunità ed orfanotrofi della Pia Opera degl’interessi del Cuore di Gesù*, p. 12. [TN].

¹⁹⁸ Cf. DI FRANZIA, A. M., *Scritti. Pregchiere ala Madonna*, v. 3, p. 16.

¹⁹⁹ Cf. TUSINO, *L’anima del Padre*, p. 323, nota 1.

²⁰⁰ Sobre esse aspecto da vida do Padre nos debruçaremos de maneira mais sistemática no próximo capítulo de nossa pesquisa.

instantes de sua existência. A sua devoção à Maria se situa em contextos bem precisos, que vão da tendência do século em que se situa, a realidade familiar e a religiosidade que marcava fortemente a cidade de Messina.²⁰¹ A formação que recebeu dos cistercienses foi marcada por um forte tom eucarístico e mariano. A sua vida sacerdotal e religiosa foi conduzida pelas mãos da Virgem, a dimensão mariana da Obra é verdadeira e específica “carteira de identidade do instituto”²⁰². Assim define a verdadeira devoção mariana:

A verdadeira devoção a Maria consiste na exata observância da lei cristã: verdadeiro cristão e verdadeiro devoto de Maria quer dizer uma única coisa, onde não pode ser verdadeiro devoto de Maria que não é verdadeira cristão. Progredir no caminho da perfeição cristã quer dizer progredir na devoção à Maria.²⁰³

As palavras de Aníbal Maria nos fazem lembrar as palavras de Paulo VI ao afirmar que não se pode ser cristão sem ser profundamente mariano.²⁰⁴ O amor por Maria Santíssima se fez evidente também nas admiráveis expressões dignas de um verdadeiro e próprio tratado de mariologia: “Ó minha dulcíssima Imaculada Maria eu vos amo depois de Deus sobre todas as coisas. Vós sois toda a minha esperança, todo o meu refúgio, a minha guia, a minha estrela, a minha amada, a minha senhora, a minha mãe”²⁰⁵ e “A intercessão de Maria é moralmente necessária à eterna salvação”²⁰⁶. Ele colocou-se todo a serviço de Maria e a citava em todos os seus discursos. Basta percorrermos a cronologia presente na *Positio*

²⁰¹ Dizer que “Messina é a cidade de Maria” é uma expressão que serve bem à cidade do Estreito, seja porque entre as suas antigas e novas igrejas se encontram uma grande quantidade dedicadas à Maria sob os vários títulos, seja, sobretudo, pelo privilégio a Ela reservado, a carta que, segundo uma antiga tradição, a Virgem teria feito chegar aos habitantes de Messina. Uma delegação formada por Salvatore Girolamo Driggiano, Ottavio Brizio, Marcello Bonifacite e do centurião Mulè, foi enviada do Senado de Messina à Jerusalém para obsequiar a Mãe do Salvador e foi a Ela apresentada pelo apóstolo Paulo, que teria estado em Messina a pregar o Cristianismo. A Virgem Maria responde ao obséquio enviando aos messinenses uma carta que termina com as palavras: “Abençoamos a vós e a própria cidade”. Daqui vem o título da “Santíssima Virgem da Sagrada Carta” com a qual a Virgem é venerada patrona principal da cidade e da arquidiocese de Messina. Título e prerrogativa da cidade mariana, são expressões também da inscrição em grande letras “*Vos et ipsam civitatem benedicimus*” colocada sob a base da coluna situada na entrada do porto de Messina, que sustenta a grandiosa estátua de bronze de Nossa Senhora da Carta, inaugurada em 12 de agosto de 1934, abençoada por Pio XI e por ele iluminada de Roma, através de um sistema eletrônico idealizado por Guglielmo Marconi. Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 8.

²⁰² TUSINO, T., *L'anima del Padre*, p. 315-319. [TN].

²⁰³ DI FRANCIA A. M., Scritti, v. 22, p. 73. [TN].

²⁰⁴ Cf. PAULO VI, PAPA, Omelia tenuta a Cagliari, Pellegrinaggio al santuário mariano di Nostra Signora di Bonaria, 24 de abril de 1970, Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700424.html, Acesso em: 23/06/2019.

²⁰⁵ DI FRANCIA A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 8. [TN].

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 8. [TN].

para evidenciar as numerosas passagens marianas que, por datas e eventos, caracterizam a dimensão mariana que perpassa toda a vida e obras do fundador.

Maria é a Mãe de Deus e dos homens, a Mãe da Igreja, a Imaculada.²⁰⁷ A devoção mariana em Aníbal Maria qualificou sua identidade sacerdotal, o carisma Rogacionista, a fundação dos Institutos e o seu itinerário pessoal de santificação. Ele afirmava:

O amor terno, profundo, doce, suave com a Grande Mãe de Deus Maria Santíssima é a chama de amor que forma os santos, a chama que não pode separar-se do amor de Deus e sem a qual nenhuma graça do Senhor pode ser obtida. A Imaculada Senhora é Aquela que forma o amor de todos os predestinados.²⁰⁸

Era comum ouvir em sua boca: “Não ama Jesus quem não ama Maria, e quanto mais se ama Maria, mais se ama Jesus; nenhuma devoção, virtude ou mesmo a salvação eterna, podem ter consistência sem a devoção a Maria”.²⁰⁹ Numerosas pessoas testemunharam o quanto estava presente o nome de Maria em suas pregações de maneira terníssima. Não havia um título mariano que ele não houvesse ilustrado. Invoca Maria sob todos os títulos:

Não haverá tantas estrelas no céu, nem tão brilhantes e resplandecentes, por quantos títulos numerosos e brilhantes de celeste luz honram Aquela que Deus criou como maravilha de sua onipotência, como abismo de sua graça e como estupor de todo o universo. É assim belíssima a Imaculada Senhora, a qual é imensamente rica e plena, dos nomes e dos títulos mais belos e peregrinos. [...] Maria Santíssima é a perfeita imagem do Divino Redentor Jesus. Somente o nome de Deus incriado não se pode dar a Maria Santíssima, que é pura criatura, mas em compensação a Ela se dá o grande título de Mãe do Incriado Deus, que eleva a Virgem de Nazaré a uma Dignidade que tem do Infinito.²¹⁰

As orações à Maria exprimiam a extraordinária riqueza de fé, a simplicidade e o candor da alma de santo Aníbal Maria, assim como os seus fundamentos teológicos e bíblicos, que fazem tender em cada invocação à realização do Reino através de Maria, que abre o caminho para Deus. O fundador, nas invocações sinceras à Virgem, como afirma Padre Cifuni na sua carta circular “*Ano Mariano Rogacionista*” de 1987, “exprime de modo admirável o espaço que Maria Santíssima quer conservar na Obra, na vida espiritual e na oração que constitui o seu respiro”. Paulo VI na exortação apostólica “*Marialis cultus*” afirmou que a

²⁰⁷ Cf. TUSINO, T., *L’anima del Padre*, p. 342-343.

²⁰⁸ DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 45, p. 160. [TN].

²⁰⁹ Id., *Scritti*, v. 61, p. 184. [TN].

²¹⁰ Id., *Scritti*, v. 54, p. 203. [TN].

devoção à Virgem Maria é “elemento intrínseco do culto cristão” e desejava que os exercícios de piedade exprimissem claramente a marca trinitária e cristológica. A devoção mariana em Aníbal Maria, expressa particularmente nas orações, é garantia de manifestação genuína do culto cristão e percurso comprovado de santificação.²¹¹

Para santo Aníbal o amor à Maria é a chama de amor que forma os santos.²¹² A devoção à Virgem Santíssima é um forte pilar de seus Institutos, é uma das características essenciais de sua espiritualidade e que merece muita atenção. A devoção à Maria o ajudou a viver com maior profundidade e riqueza tudo aquilo que compõe os demais pilares de sua espiritualidade. Falar de Maria Santíssima, é para Aníbal Maria, falar de um caminho seguro de santidade²¹³ e fidelidade ao carisma. Assim falava o fundador:

Amando e servindo esta grande Mãe, e não de outra maneira, se pode chegar a conhecer, amar e possuir com união de caridade o Sumo Bem Jesus Senhor Nosso, o qual deve formar o nosso último e supremo fim. Mas não encontrará Jesus quem não busca Maria, e quem busca Maria encontrará Jesus [...] Amai a Santíssima Virgem com grande amor, porque assim crescereis em toda a virtude e sereis todas de Nosso Senhor Jesus Cristo.²¹⁴

O amor à Santíssima Virgem é a carteira de identidade especial do Instituto.²¹⁵ Segundo santo Aníbal, Maria não é apenas aquela que abre a porta da graça de Deus, Ela é também a própria porta da graça.²¹⁶ Inumeráveis escritos do fundador nos fazem perceber que o seu amor à Santíssima Mãe é fundamental no seu caminho espiritual. Tudo confia a Ela²¹⁷, dela se faz escravo de amor²¹⁸ e por seu Imaculado Coração chega ao Coração Santíssimo de Jesus, pois, o Senhor pousou seu olhar sobre a humildade de sua serva²¹⁹ e pelo seu *Fiat*, as portas do céu se abriram novamente à toda a humanidade. A Virgem humilde de Nazaré, no silêncio do seu coração e de suas ações, gerou no seu seio Jesus: o educou e o ensinou a ser homem.

²¹¹ Cf. SARDONE, A., In: DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere ala Madonna, v. 3, p. 22-23.

²¹² Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 45, p. 160.

²¹³ Cf. Id., Scritti, v. 34, p. 219.

²¹⁴ Ibid., v. 34, p. 219. [TN].

²¹⁵ Cf. TUSINO, L'anima del Padre, p. 315-319.

²¹⁶ Cf. DI FRANCIA, Scritti, v. 59 (NI 8), p. 4.

²¹⁷ Cf. Id., Scritti, v. 7, p. 4.39.45.51.

²¹⁸ Cf. TUSINO, op. cit, p. 323-333.

²¹⁹ Cf. Lc 1,48.

Finalizamos nossa apresentação sobre a espiritualidade mariana de santo Aníbal Maria, citando parte de uma de suas primeiras publicações em honra a Imaculada, quando, aos 07 de dezembro de 1868, com apenas 17 anos, proclamou em um jornal da cidade, do qual era colaborador, algumas estrofes em honra a Imaculada Senhora. Vejamos:

E tu, bela por tanto mistério,
 Mãe, virgem, serva e rainha,
 Se aos estultos ainda vestidos de preto
 Despreza-se, a Cruz e a fé,
 Resplendes diante de seus olhos, ó Divina,
 Recebe-os por uma humilde oração,
 E com prantos de uma alma que espera
 Da Cruz retornam aos pés.

E também eu choro aos teus pés, ó Maria,
 Na dor dos meus desenganos...
 Aqui, aqui dentro de minha alma
 Quantos erros a vida faz!...
 Mas na flor de minha juventude
 Te busquei com gotas sobre os olhos:
 Ajoelhado nos teus santos joelhos
 Encontrei a Cruz e o altar.²²⁰

Encerramos esse tópico certos de que nada dissemos frente ao amor do fundador a Maria Santíssima, porém, conscientes de que é um aspecto imprescindível de sua espiritualidade para a vivência carismática e que precisa ser revisitado e reassumido em suas obras.

No próximo capítulo veremos que seu desejo pessoal de estar inteiramente aos cuidados de sua Mãe e Senhora, estende-se a todas as suas obras e fundações. Sua inclinação pessoal é a consagração total como carmelita descalço, para assim estar totalmente entregue a Maria e por suas mãos ser todo de Jesus Cristo. Continuemos nosso caminho de encontro com santo Aníbal Maria Di Francia.

²²⁰ DI FRANCIA, A. M., *Fede e poesia*, v. 47, p. 134. [TN].